



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE  
CURSO DE PEDAGOGIA

LÍVIA SIMARA VIEIRA SOARES

**TRANSMIDIANDO AFE(C)TOS: UMA EXPERIÊNCIA COM A PRODUÇÃO  
DE COLAGENS DIGITAIS**

Brasília  
2023

LÍVIA SIMARA VIEIRA SOARES

**TRANSMIDIANDO AFE(C)TOS: UMA EXPERIÊNCIA COM A PRODUÇÃO  
DE COLAGENS DIGITAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Profa. Dra. Andrea Cristina Versuti.

Brasília  
2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

St Soares, Livia Simara Vieira  
TRANSMIDIANDO AFE(C)TOS: UMA EXPERIÊNCIA COM A PRODUÇÃO  
DE COLAGENS DIGITAIS / Livia Simara Vieira Soares;  
orientador Andrea Cristina Versuti . -- Brasília, 2023.  
75 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de  
Brasília, 2023.

1. Transmídiação. 2. Afetos. 3. Colagem Digital . 4.  
Curadoria docente. 5. Educação . I. Versuti , Andrea  
Cristina , orient. II. Título.

LÍVIA SIMARA VIEIRA SOARES

**TRANSMIDIANDO AFE(C)TOS: UMA EXPERIÊNCIA COM A PRODUÇÃO  
DE COLAGENS DIGITAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Profa. Dra. Andrea Cristina Versuti.

**Data da aprovação:** 13/12/2023

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Professora Doutora Andrea Cristina Versuti (Orientadora)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

**Professora Doutora Paula Gomes de Oliveira (Examinadora interna/FE/MTC)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

**Professora Mestre Joice Ribeiro Maciel Antonelli (Examinadora externa/PPGE/FE)**

---

**Professora Doutora Patrícia Lima Pederiva (Suplente/FE/MTC)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

**Brasília  
2023**

*Dedico esse trabalho aos meus pais e a minha Mãezinha do céu, que nunca me deixaram caminhar sozinha.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha querida mãezinha, Silvolange, que sempre foi o meu porto seguro, minha melhor amiga, minha companheira, que me ama imensamente e demonstra isso todos os dias através do seu cuidado, doação e dedicação. Uma mulher incrível, que não mede esforços para que os seus filhos consigam realizar os seus sonhos. Agradeço pela paciência, pelo carinho comigo, e por todo o apoio principalmente durante a minha trajetória acadêmica. Sem ela eu não poderia ter ido tão longe.

Agradeço ao meu pai, Evandro, que sempre fez de tudo para que eu tivesse uma boa educação, que me apoiou em todas as minhas decisões e sempre rezou por mim e pela minha felicidade. Agradeço pelas palavras de carinho, pelos conselhos, pelas broncas e por acreditar em mim quando nem mesmo eu acreditava.

Não poderia deixar de agradecer aos meus dois irmãos, Carlos e Matheus, que foram super compreensivos com os meus estresses e choros durante a minha trajetória acadêmica e nunca me deixaram desistir. Carlos, obrigada por tanto apoio, por ser meu confidente, a minha dupla que topa tudo e que às vezes cuida de mim como se fosse meu irmão mais velho. Matheus, obrigada pelo carinho e cuidado, pelas palavras de conforto e por cada abraço (mesmo que forçado) que você me deu durante esse processo.

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora, pela minha vida, pela família e amigos que me deram. Sou grata por cada sim e cada não que recebi de Deus até aqui. Eles moldaram tudo o que eu sou hoje. Sempre me senti amada e cuidada por Deus e Nossa Senhora, e nos momentos mais solitários da minha graduação foram Eles que andaram comigo, que me apoiaram e me deram força para seguir em busca dos meus objetivos e eu não poderia ser mais grata.

Agradeço ao JAM, meu grupo de jovens do coração, que sempre teve e sempre terá o meu sim. O JAM é meu lar, minha casa, meu refúgio. Obrigada família, por me apresentar o maior Amor que eu poderia conhecer na vida. Agradeço em especial a Thalita, Geovani e Roberth. Vocês são a família que Deus me deu através do JAM, e Ele não poderia ter escolhido pessoas melhores para estar comigo nessa jornada. Agradeço pelos apoios, pelos surtos e até pelas broncas. Vocês estiveram comigo desde o início da minha graduação e sabem muito bem de tudo o que passei até chegar aqui.

Agradeço aos meus amigos de infância que hoje estão na UnB e aos que chegaram depois, mas que juntos construíram com muito carinho o projeto DCPUNB (Do Centrão Para a UnB). Tenho muito orgulho do que fizemos pelos estudantes da nossa escola. Os frutos

podemos ver pelos corredores da UnB hoje e isso é muito gratificante. Agradeço também aos meus amigos Elzino, Tati, Kétrin, Shelda, Malu, Gleisson, Lara e todos os meus outros amigos que estiveram comigo durante a minha graduação. A UnB não seria a mesma sem vocês.

Agradeço de forma especial à minha dupla de graduação, minha parceira (não só) de pesquisa, Stephanie. Obrigada por todo o carinho, pela amizade e companheirismo. Devo dizer que você não fez muita falta nessa reta final da minha graduação. *É verdade esse bilete.*

Sou imensamente grata à UnB por proporcionar momentos incríveis e únicos na minha vida. Sou completamente apaixonada por cada espaço dessa Universidade e está sendo um privilégio enorme poder estudar, pesquisar e explorar a educação num lugar como esse. Agradeço também a minha turma de Tópicos Especiais em Tecnologias Educacionais. Sem o apoio, o comprometimento, o companheirismo e a parceria de vocês não teria TCC para defender.

Por último, agradeço de forma afetuosa a minha querida orientadora Andrea Versuti, que acompanhou cada passo meu na Faculdade de Educação, desde o primeiro semestre. Obrigada por me ensinar tanto sobre a educação e sobre a vida. Sou grata por todo o carinho, parceria, amizade e cuidado. Sou grata ainda pelas oportunidades e pelos puxões de orelha, quando necessário. Com você pude descobrir infinitas possibilidades de educar através do afeto, seja com o cinema ou com vários pedaços de memórias.

*“Coisas quebradas tem uma certa beleza triste. Depois de anos de histórias e triunfos e tragédias infundidas nelas, elas podem ser muito mais românticas do que coisas novas que não tiveram aventuras.”*

*Anne with an E*



## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo geral compreender como ocorrem os processos criativos de transmídiação em imagens na produção de colagens digitais, sob a perspectiva de uma turma do curso de pedagogia da Universidade de Brasília, através da análise do perfil do *Instagram* denominado @brasiliaeafetos, que reúne as colagens feitas pela turma em questão. A pesquisa qualitativa (Creswell, 2010) partiu de uma revisão bibliográfica e registros em diário de bordo - tendo em vista que também fui aluna da turma - visando investigar a afetividade nos processos criativos da transmídiação. Pude enriquecer as análises com entrevistas semiestruturadas e tive como pilares fundamentais os conceitos; transmídiação, colagens e afetos, além de considerar a curadoria como uma etapa crucial na produção das colagens. Com esta investigação, foi possível evidenciar que os processos criativos de transmídiações nas colagens partiram principalmente de afetos felizes e tristes com a cidade Brasília e abriu novas possibilidades criativas para a turma de futuros professores.

**Palavras-chave:** colagens digitais; transmídiação; afetos; processo criativo; curadoria docente.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Colando memórias. ....	16
<b>Figura 2</b> - Artista americano desconhecido, Man Juggling His Own Head (1880).....	22
<b>Figura 3</b> - Pablo Picasso, Guitar (1913).....	23
<b>Figura 4</b> - Prancha de colagens: Spazio (2023); The Kiss (2019); Duo (2022). ....	25
<b>Figura 5</b> - Prancha de imagens do perfil Colagens UnB no <i>Instagram</i> (2019-2020).....	26
<b>Figura 6</b> – Prancha de colagens: Noregrets (2021); A Girl is a Gun (2023); wanna be famous? (2023). ....	26
<b>Figura 7</b> - Alice no meu país UnB (2021). ....	29
<b>Figura 8</b> - Fotos da Faculdade de Educação - UnB (2022). ....	32
<b>Figura 9</b> - Draco Malfoy e amigos (2022).....	33
<b>Figura 10</b> - Draco Malfoy e amigos - Imagens sem fundo (2022). ....	33
<b>Figura 11</b> - Draco Malfoy e amigos na Faculdade de Educação (2022).....	34
<b>Figura 12</b> - Feed dos perfis Colagens UNB, Colagem Ruim e Toninho Euzebio no <i>Instagram</i> (2023).....	36
<b>Figura 13</b> - Feed dos perfis Rede Collage Brasil, Wolney Fernandes e Haia no <i>Instagram</i> (2023).....	36
<b>Figura 14</b> - Perfil Brasília e Afetos no <i>Instagram</i> (2023).....	39
<b>Figura 15</b> - Prancha de conexões (2022).....	44
<b>Figura 16</b> - Prancha de histórias (2022). ....	45
<b>Figura 17</b> - Prancha dos clássicos (2022).....	46
<b>Figura 18</b> - Prancha dos candangos (2022). ....	47
<b>Figura 19</b> - Prancha de UnBzices (2022). ....	48
<b>Figura 20</b> - Prancha de resistências (2022). ....	50
<b>Figura 21</b> - Prancha de espiritualidades (2022). ....	51
<b>Figura 22</b> - Prancha da corporeidade (2022). ....	53
<b>Figura 23</b> - Prancha das cotidianidades (2022). ....	54
<b>Figura 24</b> - Colagens de Íris. ....	57
<b>Figura 25</b> - Colagem de Margarida. ....	58
<b>Figura 26</b> - Minha colagem. ....	58
<b>Figura 27</b> - Colagem de Girassol. ....	59
<b>Figura 28</b> - Colagem de Lírio. ....	59
<b>Figura 29</b> - Colagem de Dália. ....	60
<b>Figura 30</b> - Colagem de Magnólia. ....	60
<b>Figura 31</b> - Colagem de Violeta. ....	61
<b>Figura 32</b> - Colagem de Tulipa.....	61
<b>Figura 33</b> - Colagem de Lótus.....	62
<b>Figura 34</b> - Colagem de Tulipa.....	63

## LISTA DE MÚSICAS

### **Prancha de conexões (2022)**

Colagem 1: Sem Nome, Mas Com Endereço - Liniker

Colagem 2: Sem som

Colagem 3: Telephone - Lady Gaga ft. Beyoncé; Menino de Rua - Pépe Moreno; Estilo cachorro - Racionais MC's; Telefone Mudo - Trio Parada Dura

### **Prancha de histórias (2022)**

Colagem 4: Disparada - Zé Ramalho, Elba Ramalho e Geraldo Azevedo

Colagem 5: Disparada Rap - Rappin' Hood

Colagem 6: Espumas ao Vento - Zé Vaqueiro

### **Prancha dos clássicos (2022)**

Colagem 7: Pelados em Santos - Mamonas Assassinas

Colagem 8: O Que É O Que É? - Gonzaguinha

Colagem 9: Pecado Capital - Paulinho Da Viola

Colagem 10: Sem som

### **Prancha dos candangos (2022)**

Colagem 11: Astronauta - Gabriel Pensador e Lulu Santos

Colagem 12: Lembranças - Hungria Hip Hop

### **Prancha de UnBzices (2022)**

Colagem 13: Nobody Know (Instrumental) - Grey's Anatomy

Colagem 14: Quase lá (A princesa E O Sapo) - Disney

Colagem 15: Brasília Periferia Parte 2 - GOG

### **Prancha de resistências (2022)**

Colagem 16: AmarElo – Emicida, Majur e Pablllo Vittar

Colagem 17: Que País É Este - Legião Urbana

### **Prancha de espiritualidades (2022)**

Colagem 18: A Voz Que Me Deu Vida - Paulo Novaes, Margarida Piedade Novaes e Bruna Caram

Colagem 19: Legado - Black Pantera

Colagem 20: Principia - Emicida

Colagem 21: Velha Infância - Tribalistas

### **Prancha da corporeidade (2022)**

Colagem 22: Tarzan - David Newman.

Colagem 23: Dançando - Pitty

**Prancha das cotidianidades (2022)**

Colagem 24: Ombrim - Rosa Neon, Marina Sena e BAKA

Colagem 25: Piano Bar - Engenheiros do Hawaii

Colagem 26: Tick Tock - Scott Ampleford

Colagem 27: Algum Ritmo - Gilsons e Jovem Dionisio

Colagem 28: Dragons Do Not Fear Blood - Ramin Djawadi

## SUMÁRIO

<b>MEMORIAL.....</b>	<b>14</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 1 - COLAGENS DIGITAIS E A TRANSMIDIAÇÃO .....</b>	<b>21</b>
1.1 A colagem digital .....	21
1.2 Transmídiação.....	27
1.3 Ferramentas e técnicas para criação de colagens digitais .....	31
1.4 Transmídiação e colagem digital no perfil @brasiliaefetos .....	35
<b>CAPÍTULO 2 - AFE(C)TOS E AFETIVIDADE NO PROCESSO CRIATIVO DAS COLAGENS DIGITAIS .....</b>	<b>39</b>
2.1 Sobre os afe(c)tos e a afetividade.....	40
2.2 Colagens como expressão de afe(c)to .....	43
2.3 Os sons e a escrita no processo de criação das colagens afectivas.....	55
2.4 A curadoria no trabalho com colagens digitais .....	63
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>70</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>75</b>

## MEMORIAL

*“Amar e mudar as coisas me interessa mais.”*

*-Belchior*

Poderia começar esse memorial pelo dia em que nasci, ou contando as experiências do meu primeiro dia na escola, mas eu não me lembraria de tanto. Prefiro começar por um dia em que me lembro bem, um dia feliz e que marcou a minha trajetória acadêmica. No dia 11 de fevereiro de 2019, eu li meu nome na lista de aprovados na Universidade de Brasília para o curso de Pedagogia pelo PAS - Programa de Avaliação Seriada, e neste dia eu me lembro muito bem de tudo o que senti. Senti muito medo, mas também uma alegria inexplicável.

Estar na UnB nunca me pareceu uma possibilidade muito real. Sempre fui uma aluna muito dedicada, mas nunca imaginei que poderia ir tão longe. Pedagogia não era nem de longe uma das minhas opções de curso quando me inscrevi no vestibular, mas ainda no primeiro semestre me apaixonei pela educação e pela docência.

Nunca fui muito de pensar na minha infância ou na minha trajetória, mas no curso de pedagogia aprendi a olhar com mais carinho para essa parte da minha vida, para a criança que fui e que sou hoje. Fui uma criança curiosa e que gostava muito de ensinar. Me lembro bem de uma lousa de giz que ganhei da minha mãe quando era criança. Eu amava brincar de ensinar.

Filha de uma mãe feirante e de um pai caminhoneiro, tive uma infância bem particular. Cresci nos corredores da Feira de Hortifrúti de Planaltina - DF e foi lá onde vivi boa parte da minha vida. Primeira filha de dois jovens recém-casados, fui muito amada desde o dia em que nasci. Pais humildes, mas que sempre se esforçaram para que eu tivesse a melhor educação possível.

Estudei até a primeira série em escola particular. Da segunda série em diante estudei apenas em escola pública, onde pude viver experiências únicas. Foi lá que aprendi a lutar por uma educação justa e de qualidade. Tive professores apaixonados pela docência que me fizeram enxergar a escola como um espaço afetivo, mas também um espaço de luta.

É essa Lívia que chega na UnB no primeiro semestre de 2019. Uma Lívia com apenas 17 anos, cheia de planos, inquietações e incertezas, uma Lívia que nem sequer sabia que amava a docência tanto assim. É por isso que digo que o curso de pedagogia me transformou. Eu nunca olharia de uma forma tão sensível para a aluna ou criança que fui se não fosse a pedagogia. A

docência é sobre ser sensível, sobre afetar-se. Não há como passar pela docência e não refletir com carinho sobre nossa trajetória.

No ensino fundamental era boa aluna, estudava disciplinas, tirava boas notas. Sempre fui comunicativa e enturmada com os colegas, fazia amizade muito fácil. Lembro que gostava muito de esportes, de jogar queimada com meus amigos e brincava disso até cansar. Foi durante o meu ensino fundamental que descobri que gostava muito de artes digitais, e vez ou outra me arriscava fazendo umas “montagens” no computador sem compromisso nenhum.

Sempre estive na feira de hortifrúti, desde os meus primeiros dias de vida, mas aos 12 anos eu já ajudava a minha mãe com o que ela precisava. Mesmo que às vezes não estivesse trabalhando, eu sempre estava lá, observando, brincando com laranjas ou com caixotes de madeira. A vida era assim: de casa para a escola, da escola para a feira.

Durante o meu ensino médio descobri que eu gostava muito das coisas relacionadas ao audiovisual. Tirar fotos, fazer edições, brincar no *PhotoShop* era o meu passatempo preferido. Foi nessa época que comecei a desenvolver melhor minhas habilidades. Fazia algumas artes para as coisas da igreja quando precisavam, uma arte para uma tia, outra para uma amiga, e assim eu ia levando.

Nesse mesmo período eu ganhei dos meus pais uma banquinha na feira onde eu trabalhava todos os domingos, e foi nela que comecei a ganhar meu próprio dinheiro. Também foi ali que descobri o quanto amo a feira e sou imensamente grata a tudo o que conquistei através de lá, mas que não queria que aquele fosse o meu futuro. Quando vi, já estava comprando cursos on-line para aprimorar minhas habilidades nos programas e ganhando dinheiro com design no meio da semana, quando não tinha feira para fazer.

Pouco a pouco o design deixou de ser uma renda extra. Durante toda a minha graduação o design esteve comigo. Comecei uma faculdade EAD de Design, estagiei na área, mas nunca deixei a Educação. No meu primeiro semestre de pedagogia, na disciplina de Educação, Tecnologia e Comunicação com a professora Andrea Versuti descobri que poderia trazer esses meus conhecimentos sobre design para a minha atuação como docente. Descobri inúmeras possibilidades de trabalhar com o audiovisual na educação. Cinema, vídeos, filmes, colagens... Descobri que a Educação está em tudo, e aí foi onde me apaixonei de vez pela pedagogia.

Na pedagogia fiz amigos incríveis, mas que nem sempre puderam estar comigo devido à correria e trocas de currículo na Universidade. Entretanto, uma turma me marcou muito: a turma da disciplina de Tópicos Especiais em Tecnologias Educacionais, já no finalzinho da minha graduação, no segundo semestre de 2022. Essa turma não me marcou apenas por eu perceber que as dinâmicas educativas ocorridas em sala poderiam se tornar um objeto de estudo

para o meu TCC, mas também pela parceria que criada entre nós, estudantes. Ali eu vi a “minha turma” do curso de pedagogia.

Samain (2012) vai dizer que “Toda imagem é uma memória de memórias, um grande jardim de arquivos declaradamente vivos”.

Figura 1 - Colando memórias.



Fonte: Acervo pessoal da autora



## INTRODUÇÃO

Mesmo estando no século da visualidade, a leitura de imagem é uma preocupação bem antiga. “A dificuldade em ler uma imagem persiste ainda hoje no campo educativo, mas os filósofos já demonstravam preocupação com esse fenômeno desde os primórdios da civilização ocidental.” (Trevisan, 2002, p. 34).

Não é de hoje que buscamos nos comunicar imagetivamente, visto que ainda na pré-história o homem já se comunicava por meio de desenhos e pinturas. Kenski (2008) nos traz o exemplo da linguagem como tecnologia que nos permite a comunicação, e fala sobre a importância de não associar a tecnologia a algo nocivo. Aqui trataremos as colagens como uma forma de expressar e comunicar sentimentos e afetos.

Samain (2012) diz que as imagens se relacionam com outras imagens, elas dialogam entre si, são formas que pensam independente de nós. “A imagem é também um momento e um espaço de paixões e de emoções: um espaço de múltiplas memórias. Assim sendo, toda imagem nos faz pensar” (Samain, 2012, p. 22).

Hoje temos as colagens digitais que vem ganhando bastante destaque. Muitos dos novos colagistas publicam seus trabalhos nas redes sociais e ganham notoriedade com isso, popularizando esse estilo de arte. As colagens que antes eram feitas com pedaços de madeira, carvão, papel, areia e outros elementos, hoje podem ser criadas virtualmente, em poucos cliques por meio de programas e softwares por qualquer usuário.

Podemos entender as colagens como uma transmídiação, afinal “Trata-se de uma forma específica de recontar uma história ou expandi-la, aproveitando as oportunidades e novos elementos” (Versuti; Silva, 2017, p. 92). O trabalho com imagens em si já é um trabalho sensível e, portanto, a transmídiação muitas vezes ocorre de forma afetiva. A transmídiação é um processo em que a mesma história ou conceito é transmitido por diferentes meios, plataformas ou mídias. As colagens digitais podem ser uma forma de transmídiação, pois permitem que diferentes elementos visuais, textuais e sonoros sejam combinados em um único lugar.

Enquanto isso, pensamos no afeto, que é sobre aquilo que nos afeta (Sodré, 2006), seja positivamente ou negativamente. “Assim, todo ato de ensinar e aprender está alicerçado na afetividade, visto que este processo é marcado pela presença das relações sociais e da interação contínua.” (Borges; Freitas, 2013, p. 86).

Os sujeitos estão inseridos no ciberespaço, que é definido como “O espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (Lévy, 1999, p. 92) e estão amplamente familiarizados com a cibercultura. “No cenário da cultura digital é inegável que a característica de autor está presente em todos os sujeitos imersos no ciberespaço. A todo instante lemos e produzimos conteúdos diversos, seja usando o celular, o computador, o tablet, estamos criando e recriando.” (Lima; Versuti, 2019, p. 6). Dessa forma, esse trabalho traz a seguinte questão norteadora: Como ocorreram os processos criativos de transmediações em imagens na produção de colagens digitais sob a perspectiva de uma turma do curso de pedagogia?

O objeto dessa pesquisa foi o perfil do *Instagram* denominado @brasiliaefetos, que reúne produções de colagens digitais com trilhas sonoras para cada uma delas, produzidas por estudantes da disciplina Tópicos Especiais em Tecnologias Educacionais do curso de pedagogia (noturno) da Universidade de Brasília no semestre de 2022.2, turma na qual fui aluna.

A docente da turma propôs a atividade de criação de colagens digitais com trilha sonora para a publicar no *Instagram*, e para isso sugeriu que a turma criasse um perfil próprio na rede. Após a exibição do filme *Poeira & Batom* de Tânia Fontinele, que conta a história da construção de Brasília na perspectiva de 50 mulheres, surgiu a ideia de criar essas colagens com Brasília como plano de fundo. Dessa forma, cria-se o perfil @brasiliaefetos. O nome do perfil foi escolhido pela turma, e acabou sendo uma das minhas motivações para pesquisar sobre a transmediação de forma afetiva. “Pode-se considerar que a sensibilização, a afetividade e a humanização são elementos primordiais ao desenvolvimento de diálogo ao ensino-aprendizagem.” (Freitas; Miguel, 2019, p. 944).

A minha escolha em trabalhar esse tema vem também da minha experiência no trabalho com artes digitais através do design. Além disso, tenho muito interesse em pesquisar sobre as tecnologias audiovisuais e como estas podem contribuir para a educação.

Para além das minhas motivações pessoais, percebe-se também que é um tema pouco abordado. Por esse motivo acredito que o estudo sobre a transmediação por meio das colagens digitais na formação de professores contribuirá de forma significativa para os estudos da área de educação com imagens, afinal somos diariamente atravessados de conteúdos imagéticos, e essas imagens nos educam.

Entender como funciona o processo criativo para a criação dessas colagens é fundamental, uma vez que trazemos o professor como curador, que está sempre em busca de novas referências, novas abordagens e que pode muito bem levar esse tipo de experiência para a sala de aula, estimulando a pesquisa entre os alunos que além de ampliar o seu repertório cultural, trazem questões sensíveis e afetivas para os debates em sala de aula por meio da transmediação de colagens digitais.

“As imagens não falam de forma isolada, precisamos colocá-las em relação. Essa é uma das grandes questões repetidamente formuladas pelo filósofo e historiador da arte francês Georges Didi-Huberman.” (Campos, 2017, p. 269) Tendo em vista a importância da transmediação para a educação, a pesquisa teve como objetivo geral: verificar como ocorrem os processos criativos de transmediação em imagens na produção de colagens digitais, sob a perspectiva de uma turma do curso de pedagogia. Para que isso fosse possível este trabalho contou com os seguintes objetivos específicos:

- Apresentar o conceito de transmediação: O que é, e como ocorre nas colagens digitais por meio da análise das postagens no perfil @brasiliaefetos;
- Investigar como a afetividade se configura no processo criativo de uma transmediação;
- Discorrer sobre a experiência de participar da produção de colagens afetivas em uma turma de pedagogia, destacando o papel da curadoria para a construção do perfil.

A pesquisa do tipo qualitativa (Creswell, 2010), foi inicialmente realizada por meio de revisão bibliográfica acerca dos conceitos analisados e em um momento seguinte, todo o processo de construção do perfil @brasiliaefetos foi mapeado por meio de diário de bordo, entendido como um guia de reflexão sobre a prática (Porlán e Martín, 1997) e foi utilizado durante todo o semestre. As colagens produzidas por mim e pelos demais estudantes da turma também foram analisadas sob a perspectiva teórica da transmediação e da decupagem (Xavier, 1997).

Realizei também entrevistas semiestruturadas<sup>1</sup> com os estudantes da turma acerca de suas percepções sobre a construção do perfil, produção das colagens e o processo de curadoria

---

<sup>1</sup> O roteiro das entrevistas está em apêndice. Não foi possível entrevistar todos os estudantes da turma, mas também tive a contribuição do meu diário de bordo para as análises.

dos elementos que as compõem, a fim de compreender como ocorreu o processo criativo de transmídiação e de que modo a afetividade os influenciou. Nessas entrevistas, procurei abordar também a importância da curadoria para a criação das colagens, e a motivação da turma para o nome do perfil. Importante ressaltar que, juntamente com as análises das colagens e dos processos criativos, eu trouxe as minhas experiências enquanto aluna da disciplina, que também auxiliou os demais estudantes no processo de criação, com oficinas e apoio no manuseio dos softwares de edição.

## **CAPÍTULO 1 - COLAGENS DIGITAIS E A TRANSMIDIAÇÃO**

A colagem é um estilo de arte feita com diferentes materiais e texturas e ganha notoriedade no cubismo, com Picasso no início do século XX. A técnica consiste em colocar imagens e elementos para dialogar entre si, dando um novo sentido a cada um deles, criando novas narrativas. Bernardo (2012) vai dizer que a colagem “consiste ainda na utilização de sobreposições (analógicas ou digitais), apropriações e recontextualizações (espaciais e semânticas), [...] que impliquem em uma escolha estética por parte do artista”.

Para entender como ocorrem as transmídiações nas colagens digitais precisamos entender o que são essas colagens e ter bem claro o conceito de transmídia. Este capítulo, além de trazer esses conceitos, busca mostrar ferramentas e técnicas que podem ser usadas para essas criações.

### **1.1 A colagem digital**

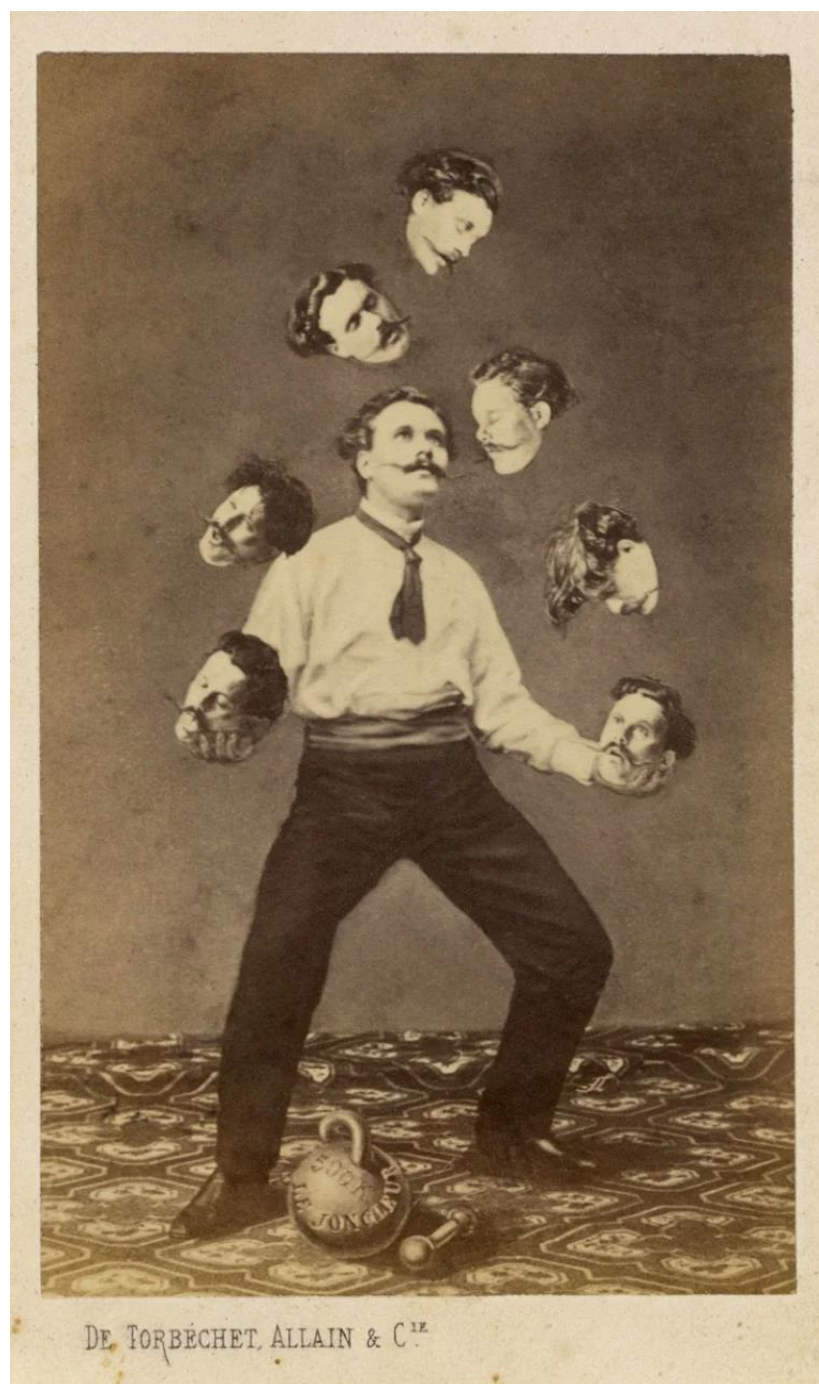
Um filme para ser produzido precisa unir vários pedaços de cenas, imagens e elementos em uma única montagem e isso se assemelha muito ao processo de criação de uma colagem digital. No cinema utiliza-se o termo decupagem definido como "processo de decomposição do filme (e, portanto, das sequências e cenas) em planos." (Xavier, 1977, p.27). Kraemer (2021) vai dizer que a colagem é basicamente o desmonte de vários materiais que podem virar texturas e elementos para criação de uma nova imagem quando colocadas em relação. Entendemos aqui que a colagem parte do desmontar (ou decupar) para criar algo novo.

Assim como a comunicação escrita, a comunicação imagética também foi aprimorando-se ao longo do tempo. As colagens antes de passar pelos meios digitais já eram utilizadas muitos antes de Picasso por outras civilizações. Bernardo (2012) vai dizer que apesar do cubismo marcar o início das colagens nos livros de história da arte, já existiam alguns registros de colagens ainda na Idade Média.

A colagem como processo técnico tem uma história antiga e remonta ao século XII, quando calígrafos japoneses realizaram os primeiros trabalhos preparando as superfícies de seus poemas, colando pedaços de papel e tecido para criar fundo para suas pinceladas (Vargas; Souza, 2011, p. 53).

As técnicas de colagens iam mudando segundo os materiais disponíveis na época. No século XVIII alguns artistas já utilizavam a técnica de colagem com negativos de fotografias em suas obras.

**Figura 2** - Artista americano desconhecido, Man Juggling His Own Head (1880).



Fonte: Collection of Christophe Goeury.

Com a revolução industrial e o aumento da publicidade por meio de cartazes, folhetos, jornais e revistas, esses materiais começaram a ser utilizados nas colagens da época, principalmente por serem materiais abundantes, cotidianos e de fácil acesso. Picasso utilizava muitos desses elementos nas suas colagens.

O desenvolvimento da colagem como processo artístico estabelece, portanto, desde sua origem, um vínculo estreito com o universo industrial, e de modo mais profundo, com o segmento deste responsável pela produção de informação visual: as artes gráficas. Matéria-prima fundamental, a imagem impressa, nos diferentes veículos em circulação, formaria um grande conjunto de formas prontas – material abundante e, muitas vezes descartável – sujeitas à apropriação. Por extensão, o contínuo aprimoramento das técnicas de produzir imagem não só aumentaria a variedade e quantidade do material impresso disponível, como iria, por outro lado, conferir aos artistas novas ferramentas de trabalho (Iwasso, 2010, p. 41-42).

**Figura 3 - Pablo Picasso, Guitar (1913).**



Fonte: <https://www.moma.org/collection/works/38359>.

Quem nunca colou tipografias e imagens de revistas na escola? Recortar manchetes interessantes, fotos de amigos e familiares, imagens de um ídolo querido em uma revista antiga, eram atitudes comuns das pessoas no início dos anos 2000. Vargas e Souza vão dizer que:

A partir do século XIX, a colagem se desenvolve como uma forma de arte popular, mais como diversão do que linguagem artística autônoma. Pessoas colavam fotos de família em arranjos e penduravam nas paredes, colavam selos postais em álbuns e cobriam telas e luminárias com ilustrações e reproduções de revistas de arte. A maioria desses materiais era de lembranças e heranças de família, sem serem vistos propriamente como objetos de arte (Vargas; Souza, 2011, p. 54).

O digital vem transformando cada vez mais a nossa forma de ver, estar e interagir com o mundo. Para Lévy (1999), o digital é tudo aquilo que pode ser traduzido de forma numérica. Pode parecer que não, mas o autor explica que muita coisa pode ser traduzida em números mediante coordenadas, códigos e afins, inclusive imagens e sons. “Em geral, não importa qual é o tipo de informação ou de mensagem: se pode ser explicitada ou medida, pode ser traduzida digitalmente” (Lévy, 1999, p. 50).

Usando como exemplo a escrita, que por muito tempo foi feita apenas por uma parte das pessoas por meio de papéis, tintas e outros materiais, observamos a sua evolução e hoje grande parte do contato que temos com ela é através dos meios digitais. Com a arte não é diferente. As fotografias que antes passavam por todo um processo para serem reveladas, hoje podem ser feitas de forma simples e compartilhada em instantes com diversas pessoas do mundo. Ilustrações, jornais ou revistas são mais acessíveis aos colagistas do século XXI no digital do que analogicamente.

As colagens que antes eram feitas a partir do desmonte de materiais físicos como madeira, revistas, jornais, pinturas e outros, hoje são feitas a partir do desmonte de materiais digitais. É comum vermos fotografias feitas em smartphones dialogando com elementos de revistas, fotos antigas, ilustrações, textos e imagens recortadas digitalmente nas colagens digitais.



**Figura 4** - Prancha de colagens: Spazio (2023); The Kiss (1919); Duo (2022).



Fonte: #digitalcollage (@julienpacaud; @mania.de.museu; @samuel.eller)

Esse estilo de colagem tem ganhado bastante espaço nos editoriais de revistas, livros e afins. De acordo com Kraemer (2021) não existe uma única forma de fazer colagem. Por isso fica evidente que não há certo e errado, nem uma fórmula ou método único para esse tipo de criação. A colagem é livre, é expressiva.

Dito isto, chega-se ao consenso de que a colagem [...] consiste ainda na utilização de sobreposições (analógicas ou digitais), apropriações e recontextualizações (espaciais e semânticas), sejam elas bidimensionais ou tridimensionais, que impliquem em uma escolha estética por parte do artista. (Bernardo, 2012, p. 21)

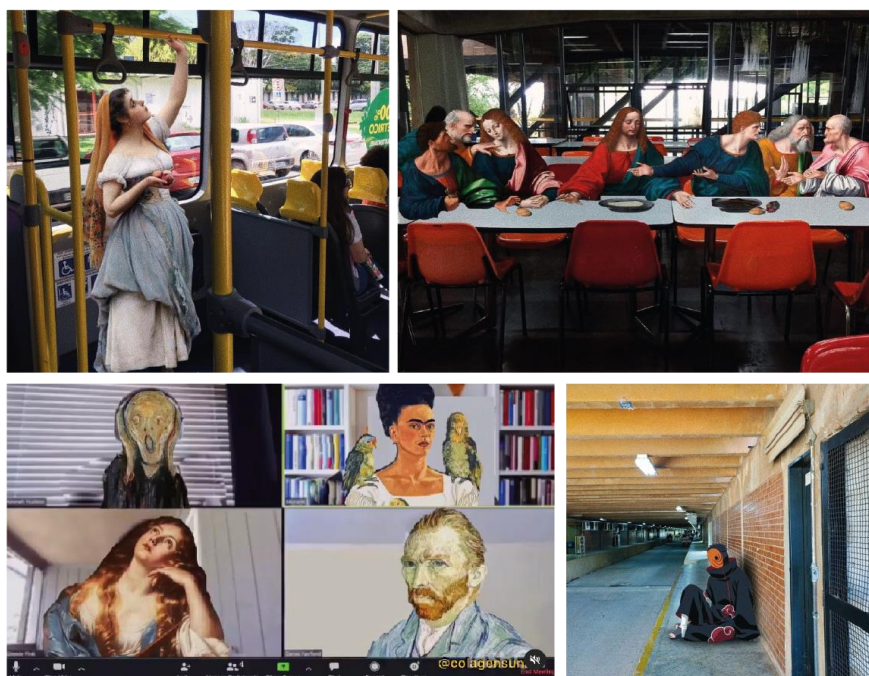
Vemos com frequência elementos e épocas se misturando nas colagens digitais. Fotos antigas digitalizadas, textos, *prints* do celular, pinturas clássicas sendo recortadas e colocadas no contexto do século XXI. Bernardo (2012) coloca que além do entendimento da obra, é preciso entender a relação entre os elementos colocados na colagem. O fato é que seja como for, cada elemento colocado em uma colagem terá na maioria das vezes uma intencionalidade ou uma relação com o todo, seja para a narrativa ou para fins estéticos da colagem.

A forma de produzir colagem mudou, e a forma de consumi-las também. Além das revistas e livros, as redes sociais têm se mostrado um lugar propício para a divulgação de colagens pelos colagistas do século XXI. Diversos artistas famosos divulgam seus trabalhos e processos nas redes sociais, principalmente no *Instagram* e *TikTok*.

As redes sociais por possibilitarem uma exposição maior dessas colagens permite que vários colagistas digitais divulguem suas artes. As colagens feitas pelo estudante da

Universidade de Brasília Lucas Neves publicadas no *Instagram* @colagensunb demonstram bem isso. A principal característica das obras do artista é a utilização de pinturas clássicas ou desenhos animados em contextos cotidianos de um estudante da Universidade de Brasília.

**Figura 5** - Prancha de imagens do perfil Colagens UnB no *Instagram* (2019-2020).



Fonte: @colagensunb.

Alguns outros artistas vêm ganhando destaque na rede. Os temas das colagens são os mais variados possíveis.

**Figura 6** – Prancha de colagens: Noregrets (2021); A Girl is a Gun (2023); wanna be famous? (2023).



Fonte: #digitalcollage (@marcela.picinin; @sitidanger; @pynopyno.wow).

Após a eleição de 2018 no Brasil, as redes sociais se tornaram um ambiente muito mais político do que já era, e muitas das colagens digitais publicadas pelos usuários carregam críticas sociais e políticas explícitas ou implícitas, assim como outros estilos de arte. As colagens digitais produzidas e publicadas por nós no perfil da turma também carregam essas características. De acordo com Rancière (2009) é impossível dissociar as dimensões: Ética, Estética, Poética e Política nas partilhas do sensível que ocorrem nos cotidianos.

## 1.2 Transmídiação

Durante muito tempo as grandes mídias tomaram conta do nosso cotidiano. No início dos anos 2000, por exemplo, as pessoas eram fortemente influenciadas pela televisão. Usávamos aquilo que víamos nas atrizes de novela, baseamos os nossos gostos naquilo que ouvíamos no rádio, nas tendências que víamos nos jornais e revistas. O fato é que a mídia sempre influenciou as nossas ações, e ainda influencia.

Com o surgimento das novas mídias ainda somos influenciados, entretanto “Não somos mais destinatários e consumidores passivos de informações, mas sim remetentes e produtores ativos. Não nos contentamos mais em consumir informações, mas sim queremos produzi-las e comunicá-las ativamente nós mesmos” (Han, 2020, p. 36). Isso significa que “Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo” (Jenkins, 2008, p. 32).

A humanidade sempre sentiu necessidade de se comunicar, seja com pinturas, palavras, músicas ou escrita. A verdade é que temos a necessidade de nos expressarmos, de comunicar aquilo que sentimos de alguma forma e as mídias digitais estão aí para provar isso. O *TikTok* e o *Instagram*, por exemplo, possibilitam que as pessoas sejam criadoras, produtoras de cultura. Os colagistas digitais, assim como outros artistas, têm utilizado essas redes para comunicar seus trabalhos e processos criativos. Ao decupar elementos digitais e dar novos sentidos aos materiais saímos do lugar de consumidores passivos de conteúdo para produtores das novas mídias.

Nesta cultura, os sujeitos não estão apenas inseridos no contexto de produção de conteúdos a fim de transpassar informação entre os outros presentes nessa cultura. Estes se engajam no contexto, produzindo e consumindo conteúdos com diferentes finalidades, construindo e compartilhando conhecimento em rede, permitindo trocas contínuas de conteúdos, conhecimentos, informações,

gerando aprendizagem, entretenimento, etc. (Lima; Mercado; Versuti, 2017, p. 1316)

Sobre as narrativas transmídia, Versuti e Silva vão dizer que “Trata-se de uma forma específica de recontar uma história ou expandi-la, aproveitando as oportunidades e novos elementos em um universo ficcional composto por múltiplas linhas do tempo.” (2017, p. 92) Um bom exemplo de narrativas transmídias nesse sentido são as franquias da Marvel ou DC. Isso porque as histórias não se limitam a uma única mídia.

Jenkins (2008) vai dizer que é possível ver as histórias se desenrolando nos quadrinhos, no cinema, em jogos de videogame, *fanfics* ou até mesmo nos *cosplayers*. O fato é que se utilizam de uma mesma referência. Todos bebem da mesma água, mas são narrativas que trazem sentidos específicos dentro de cada mídia sem se desconectar do sentido original, e isso independe da pessoa ter visto todos os filmes ou lido todos os quadrinhos, por exemplo. Outro exemplo são as *fanfics*, que utilizam a mesma referência (personagens, enredo e outros elementos) para contar uma história diferente ou dar um novo final para histórias já existentes. Moreira (2022) diz que os memes também são exemplos de narrativas transmídia, que utilizam a mesma base do humor em diferentes contextos, porém sempre mantendo o signo original como “referência”.

Em suma, a narrativa transmídia atravessa diferentes mídias e com ela é possível criar um universo ficcional expandido ao redor da obra. Esta migração não é apenas uma migração de conteúdo, mas algo que requer um planejamento transmidiático atento a cinco principais elementos fundamentais (história, audiência, plataformas, modelo de negócio, execução) e que também prima por utilizar-se das potencialidades e recursos específicos de cada meio para ampliar a forma do sujeito lidar com o conteúdo ficcional exposto.” (Versuti; Silva, 2017, p. 93)

A franquia da Barbie também é outro exemplo de narrativa transmídia que surge por meio de uma boneca e vira um fenômeno mundial, atravessando décadas. Hoje a franquia é enorme e não se limita à boneca. Existem diversos outros produtos e mercadorias da Barbie, filmes, séries em animação e jogos online. Apesar disso,

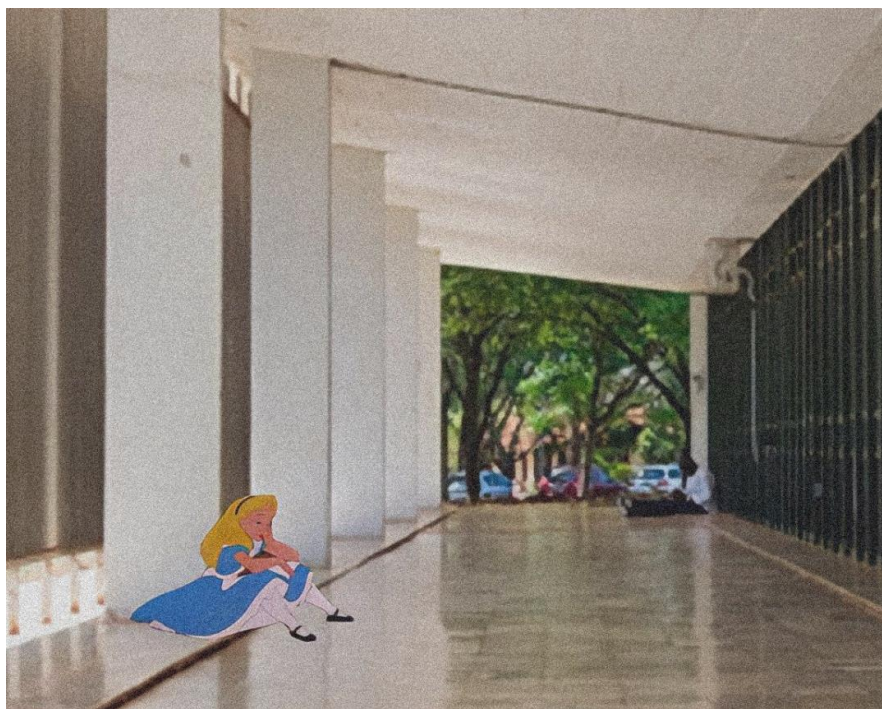
Mídias diferentes atraem nichos de mercados diferentes. Filmes e televisão provavelmente têm os públicos mais diversificados; quadrinhos e games, os mais restritos. Uma boa franquia transmídia trabalha para atrair múltiplas clientelas, alterando um pouco o tom do conteúdo de acordo com a mídia. (Jenkins, 2008, p. 140-141)

Um outro ponto interessante sobre as transmídiações é que cada mídia atrai um público específico. Harry Potter, por exemplo, tem fãs fiéis aos livros que não gostam tanto das adaptações do cinema, enquanto tem fãs que nunca leram os livros, mas que viram todos os filmes e também se identificam com a franquia. Um independe do outro. Existem pessoas que se encontram nesses dois públicos, mas o interessante é que uma mídia não anula a existência e relevância da outra. Cada mídia conversa e cativa o seu público de forma particular.

Para além das narrativas transmídia, existe um processo ou movimento que ocorre por meio das intervenções e criações realizadas pelos agentes que se apropriam dos conteúdos disponibilizados por uma franquia (ou conglomerado) de mídia para então, construir outros sentidos, transportando-os de uma mídia para outra. (Versuti; Silva, 2017).

Transmidiação é levar de uma mídia original para outra mídia, elementos de uma imagem/mensagem e construir novas possibilidades interpretativas, ampliando seus desdobramentos (Moreira, 2022). Transmidiação é expandir o conteúdo original. Um jornal que antes era utilizado para informar a população sobre um assunto específico passa a ganhar um novo significado numa colagem digital. Esse é um bom exemplo de como funciona a transmidiação. O jornal não deixou de ser um jornal, mas agora ganha um novo papel, novo sentido.

**Figura 7** - Alice no meu país UnB (2021).



Fonte: Acervo pessoal da autora.

“O processo de transmídiação ocorre potencialmente pelos fãs de um determinado produto cultural.” (Lima; Versuti, 2019, p.6). Neste trabalho, pensamos a colagem digital como uma junção de vários elementos de mídias diferentes, sendo assim, um exemplo de transmídiação. Neste processo, as pinturas saem dos museus e passeiam pela UnB com o perfil @colagensunb, por exemplo. Desenhos animados podem ser colocados junto a fotografias e ilustrações sem perder o sentido original. As colagens digitais partem do processo de decupar outros materiais digitais para criar coisas novas, mas sempre mantendo um referencial, que é a produção feita pela mídia original.

Isso porque, nas colagens, as coisas precisam ser desmanchadas, decupadas para criar algo novo. Elas só existem porque outros elementos já existiam antes. A transmídiação que ocorre nas colagens permite a expansão dos universos através da imagem. Essas mesmas imagens nos contam as mais diversas histórias através da intencionalidade dos colagistas.

A transmídiação é um caminho possível para a construção de um processo formativo alinhado às demandas dos estudantes e de uma educação libertadora que, segundo Freire (1996), necessita que o educando crie suas representações do mundo, pense as estratégias para solução de seus problemas, aprenda e se compreenda como sujeito da história. (Rodrigues;Versuti, 2022, p. 33 e 34)

No âmbito educacional, a transmídiação contribui de forma significativa para a estimular a criatividade e autonomia dos estudantes, pois acreditamos que: “O poder do professor é a forma de exploração das tecnologias disponíveis para garantir melhor aprendizagem pelos alunos.” (Kenski, 2008, p. 19). Sendo assim, as transmídiações oportunizam aos estudantes se tornarem criadores das novas mídias na condição de colagistas. Mais do que apreciar as colagens digitais, é preciso experimentar essa forma de produzir arte. Enquanto as transmídiações buscam expandir novas histórias, as colagens digitais ampliam esses horizontes de forma criativa.

Segundo Sharda (2009, p. 2) a potencialidade de trabalhar com a transmídiação reside na possibilidade de articular os conteúdos pedagógicos com atividades que já estão presentes no cotidiano dos estudantes, tal como o trabalho colaborativo, o compartilhamento de informações e a interação. (Versuti; Silva, 2017, p. 98)

No contexto atual, a transmídiação ocorre cotidianamente com os estudantes, mesmo que de forma não planejada ou intencional. Citamos, por exemplo, o fato de que as crianças têm acesso facilmente às mais diversas mídias digitais e possuem um significativo repertório e acervo de imagens e elementos digitais a partir dos quais podem buscar referências para suas

colagens. O papel do docente nesse sentido é proporcionar essa experiência de transmediação de forma consciente e intencional, ampliando esses repertórios e os acervos dos estudantes, possibilitando a criação de novos mundos, novos universos, novas imagens.

### **1.3 Ferramentas e técnicas para criação de colagens digitais**

Como visto no primeiro tópico deste capítulo, as formas de criar colagens foram se modificando ao longo do tempo conforme as ferramentas e técnicas disponíveis em cada época. A forma mais comum, que dá nome ao estilo de arte é a forma de recortar e colar com cola, assim como fazíamos na escola. Acontece que essa prática não foi completamente abandonada no digital. Alguns grupos de colagistas atuais decupam e digitalizam materiais de forma analógica para utilizar em suas colagens digitais. Existem colagens que são feitas 100% no digital e outras que utilizam e misturam esses materiais digitalizados, dando novos sentidos e novos contextos a esses materiais.

A tecnologia digital tornou possível a convergência entre várias mídias e inovadoras experimentações estéticas, porém, uma boa obra de arte digital não está necessariamente relacionada às novas tecnologias, já que grandes ideias são aquelas que surgem da percepção de um tipo de uso inteligente dos recursos tecnológicos, sejam eles de baixa ou alta tecnologia. (Vargas; Souza, 2011, p. 61)

Apesar disso, hoje em dia existem vários caminhos para criar uma colagem digital. Temos uma infinidade de materiais digitais disponíveis na internet que podem ser utilizados nas produções de forma ética, fora os materiais que podemos nós mesmos produzir, como fotografias, por exemplo. No decorrer da disciplina de Tópicos Especiais em Tecnologias Educacionais, tivemos contato com algumas técnicas de colagens para que fosse possível a criação para o perfil da turma. Tivemos ainda acesso a aplicativos gratuitos, sites e softwares disponíveis para criação, decupagem, recorte ou digitalização de materiais que facilitam a criação das colagens.

A internet possui uma infinidade de imagens e elementos que podem ser utilizadas nas produções, entretanto é preciso preservar a autoria das imagens originais no processo de construção das colagens digitais. Os elementos que são utilizados muitas vezes são peças de outros artistas e essa preservação é não apenas uma questão ética, mas uma forma de reconhecimento e respeito pelo trabalho criativo de outra pessoa.

Apesar disso, muitos estudantes da turma relataram nas entrevistas ter hesitado num primeiro momento quando foram desafiados a criar as colagens digitais, por não terem contato com essas ferramentas. Diante desta condição relatada pela turma, eu me propus a oferecer uma mini oficina de colagens para os estudantes, a partir da qual, pude mostrar elementos fundamentais do processo de criação das colagens. Pude trazer, também, algumas indicações de dispositivos<sup>2</sup> que poderiam ser utilizados para a criação das colagens, contando a eles sobre o meu processo de criação. Segue abaixo um roteiro de como a oficina foi realizada.

O primeiro passo seria a escolha das imagens que aparecem de fundo da colagem:

**Figura 8** - Fotos da Faculdade de Educação - UnB (2022).



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Em seguida, apresentei a curadoria dos materiais digitais que seriam utilizados nas colagens. É importante lembrar que esse processo de seleção dos materiais faz a diferença quando pensamos na intencionalidade do artista e na qualidade da colagem. Isso porque, as colagens contam histórias, e por isso a escolha desses elementos é uma etapa fundamental. Nessa colagem, em específico, eu optei por utilizar cenas de Harry Potter.

---

<sup>2</sup> Aqui os dispositivos são entendidos como ferramentas, softwares ou “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEN, 2015, p.39).



**Figura 9 - Draco Malfoy e amigos (2022).**



Fonte: Pinterest.

Após a escolha dos elementos, demonstrei algumas técnicas para remover o fundo das imagens, criar luz, sombra e profundidade nas colagens.

**Figura 10 - Draco Malfoy e amigos - Imagens sem fundo (2022).**



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O estudante da Universidade de Brasília, Lucas Neves (criador do perfil @colagensunb) participou de uma atividade na semana universitária da UnB de 2021 junto com a estudante Stephanie Pinheiro, mediada pela professora Andrea Versuti. Esta atividade foi uma oficina online sobre colagens digitais que ficou salva no YouTube<sup>3</sup> e foi utilizada pelos membros da turma como material de pesquisa para a criação das colagens. Finalizei a oficina trazendo partes da oficina do Lucas e da Stephanie que mostraram o processo de curadoria de imagens e elementos para as colagens, além da forma de utilizar os softwares e aplicativos disponíveis.

Após o processo de recorte e seleção das imagens, montamos o resultado com a junção dos elementos, exemplificado pelas figuras a seguir:

**Figura 11** - Draco Malfoy e amigos na Faculdade de Educação (2022).



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Na produção dessas colagens, não utilizamos materiais digitalizados, mas alguns estudantes da turma utilizaram essa técnica. As ferramentas mais comuns usadas nas colagens atualmente são: *PhotoShop*<sup>4</sup>, *Figma*<sup>5</sup>, *Canva*<sup>6</sup> e *PicsArt*<sup>7</sup>, além de outros sites e aplicativos de

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3XiaN3KW1iY>

<sup>4</sup> Disponível gratuitamente na versão web em: <https://creativecloud.adobe.com/cc/photoshop>

<sup>5</sup> Programa disponível para *downloads* de forma gratuita em: <https://www.figma.com/downloads/>

<sup>6</sup> Disponível gratuitamente na versão web em: <https://www.canva.com/>

<sup>7</sup> Disponível em na versão para desktop em: <https://picsart.com/pt/>. Também é possível fazer o *download* do aplicativo para Android em:

[https://play.google.com/store/apps/details?id=com.picsart.studio&hl=pt\\_BR&gl=US&pli=1](https://play.google.com/store/apps/details?id=com.picsart.studio&hl=pt_BR&gl=US&pli=1) e para IOS pelo link: <https://apps.apple.com/br/app/picsart-ai-editor-de-fotos-ia/id587366035>

manipulação de imagem. Todos estes dispositivos são de fácil acesso e possuem versões gratuitas para web (incluindo o *PhotoShop*).

#### **1.4 Transmídiação e colagem digital no perfil @brasiliaefetos**

O perfil foi criado em dezembro de 2022 por alunos do curso de pedagogia noturno da Faculdade de Educação na UnB, para expor as colagens feitas pela turma, baseadas em uma atividade proposta pela docente. A princípio, a proposta inicial do plano de curso era que fossem feitas colagens livres, mas após a exibição do filme *Poeira & Batom no Planalto Central - 50 mulheres na construção de Brasília* de Tânia Fontinele (2011), no qual a história de Brasília é contada na perspectiva das mulheres que viveram em Brasília na época da construção da capital, surgiu a ideia de tematizar as colagens da turma, trazendo Brasília como plano de fundo.

O acesso e a exposição de artes visuais por muito tempo limitou-se a espaços físicos de museus e galerias. “O ciberespaço possibilitou uma nova perspectiva para arte, que foi engrandecida pelas técnicas e pelo recente espaço online, que alcançava inúmeros indivíduos, sem limitar sobre os territórios de espaço e tempo.” (Dilásccio; Tessarolo, 2019, p. 165). Os artistas da atualidade estão inseridos no ciberespaço, assim como o seu público, e utilizam as redes sociais para a divulgação dos seus trabalhos. Isso quer dizer que qualquer pessoa que tenha acesso à internet pode produzir, publicar, e consumir trabalhos artísticos nas redes sociais.

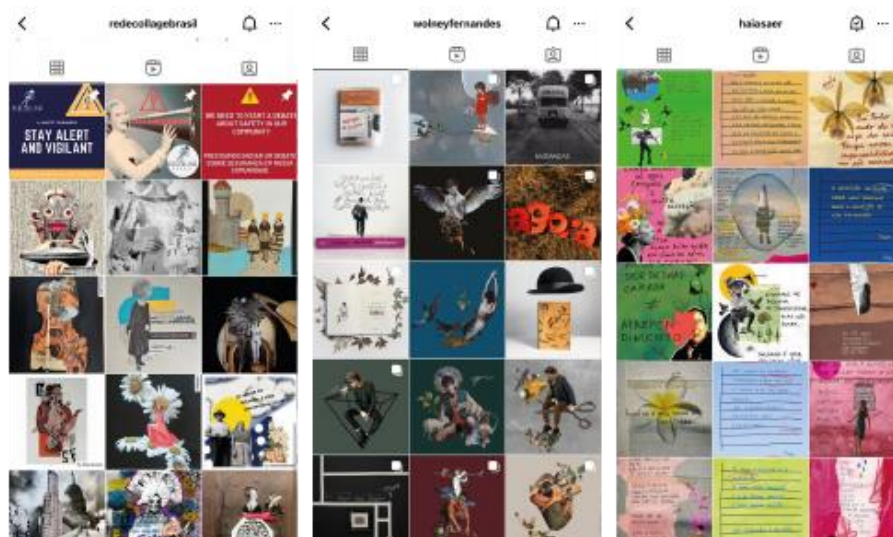
É muito comum os novos artistas compartilharem seus processos criativos por trás de cada arte na internet, principalmente no *Instagram* e *TikTok*. Em 2020, com o avanço da Pandemia de Covid-19 e o isolamento social, o uso das redes sociais se intensifica e os usuários passam a compartilhar mais informações, dicas e sentimentos nessas plataformas (Versuti; Moreira; Soares, 2022). Para nossa familiarização com o estilo de arte das colagens digitais, a professora indicou a hashtag *#digitalcollage* no *Instagram* para a turma, que foi amplamente explorada durante o processo de pesquisa, mapeamento e curadoria de perfis, estudo e criação das colagens. Também nos foi indicado alguns perfis no *Instagram* como o @colagensunb, @colagemruim, @redecollagebrasil, @haiasaer, @teuzebio, @wolneyfernandes e outros que compartilham colagens e processos criativos na rede.

**Figura 12** - Feed dos perfis Colagens UNB, Colagem Ruim e Toninho Euzebio no *Instagram* (2023).



Fonte: @colagensunb; @colagemruim; @teuzebio.

**Figura 13** - Feed dos perfis Rede Collage Brasil, Wolney Fernandes e Haia no *Instagram* (2023).



Fonte: @redecollagebrasil; @wolneyfernandes; @haiasaer.

É criado então o perfil @brasiliaefetos, assim nomeado pelos discentes. Quando falamos de Brasília trazemos sentimentos e memórias afetivas. O tema permitiu que nos envolvesse com a proposta de atividade de forma afetiva e isso refletiu diretamente nas colagens produzidas e no nome escolhido para o perfil no *Instagram*. Nós discutimos muito durante o semestre sobre o afeto na perspectiva do afetar-se e afe(c)tar-se.

Além de ter Brasília como plano de fundo, as colagens deveriam vir com um poetriz e uma trilha sonora<sup>8</sup>. Para Oliveira (2016) um poetriz define-se como um poema de três versos que deve ter no máximo 30 sílabas métricas. A trilha sonora entrou na atividade como mais um elemento que deveria dialogar com o conceito final da colagem digital, utilizando a ferramenta do *Instagram* que permitia que a imagem fosse publicada com uma música que estivesse no acervo da plataforma. É interessante observar que existiram várias camadas além do visual para a criação das colagens, como a escrita através do poetriz e sonora com as músicas escolhidas.

A transmidiação ao longo deste processo ocorreu a partir do momento em que nos inspiramos no cinema para a produção das colagens. A nossa referência principal, a nossa base comum é a cidade de Brasília. Aqui não trazemos Brasília de qualquer jeito, é Brasília afetiva, e essa foi uma escolha da turma. Cada colagem traz um lugar de afeto. Brasília é colocada nos mais diferentes contextos e dos mais diferentes ângulos, assim como no filme de Tânia Fontinele. Inspirados nos artistas citados neste capítulo e incentivados pela docente, utilizamos o *Instagram* para trazer memórias, críticas e afetividades em nossas colagens. Brasília é mostrada a partir da lente de cada estudante de forma singular.

Partindo da ideia de transmidiação, pudemos ampliar os sentidos de imagens já existentes, é possível reconhecer que os estudantes utilizaram Brasília para recontar suas próprias histórias através de suas produções, ou recontaram a história de Brasília através de suas lentes. As colagens passeiam por infâncias, histórias de amor e luta. A maior parte da turma utilizou fotografias autorais para a composição, somando-as a elementos característicos da capital do país.

O trabalho artístico é algo sensível e naturalmente afetivo. Nas colagens produzidas trouxemos elementos de Brasília que de alguma forma nos afetam, que nos provocam. Para que seja possível compreender melhor a afetividade na construção das colagens do perfil, é importante destacar que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos

---

<sup>8</sup> Foi colocada no início deste trabalho uma lista com músicas que foram utilizadas pelos autores das colagens. As músicas foram divididas de acordo com as pranchas de colagens que serão analisadas no próximo capítulo.

acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Bondía, 2001, p. 24)

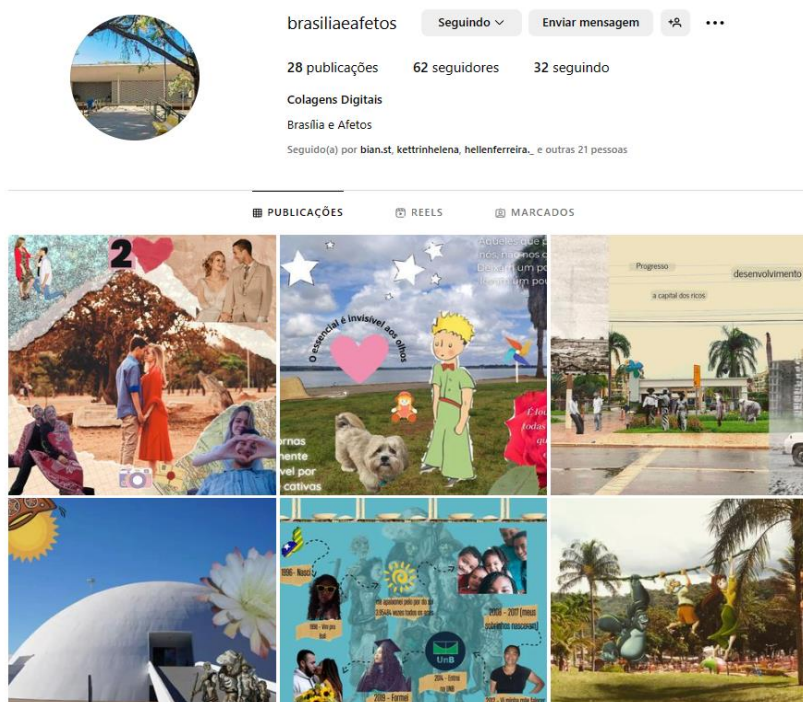
Isso significa que para ter uma experiência genuinamente afetiva com as colagens precisamos parar para olhar, sentir, pensar, demorar e nos permitir ser tocados. Nessa perspectiva me proponho a analisar no próximo capítulo as colagens produzidas pela turma divididas em pranchas temáticas enquanto investigo a afetividade no processo de construção das colagens da turma de forma mais aprofundada.

## CAPÍTULO 2 - AFE(C)TOS E AFETIVIDADE NO PROCESSO CRIATIVO DAS COLAGENS DIGITAIS

Brasília é uma cidade extremamente afetiva. Não há como passar por Brasília e não ser tocado de alguma forma, seja pelos seus encantos ou pelos seus desencantos. Acredito que Brasília tenha sido planejada até para nos afetar, e talvez daí venha a ideia imediata dos estudantes de nomear o perfil como @brasiliaeafetos. “Afetividade refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis.” (Mahoney; Almeida, 2005, p. 19)

Foram 28 colagens publicadas no perfil. Nelas, nós pudemos colocar a capital em diversas situações e perspectivas, nas quais os afetos saíram dos álbuns de família que estavam guardados, da galeria do celular, de séries favoritas ou de memórias queridas e passaram a dialogar com Brasília. Considero este capítulo o coração deste trabalho. Pretendo mostrar aqui algumas formas de compreender os afe(c)tos<sup>9</sup> e as afetividades, bem como a forma como a afetividade abraçou o processo criativo dos estudantes colagistas da minha turma de pedagogia.

Figura 14 - Perfil Brasília e Afetos no *Instagram* (2023).



Fonte: @brasiliaeafetos

<sup>9</sup> Opto por manter a grafia da palavra *afecto* com a “C” em alguns momentos neste trabalho por basear-me principalmente nas traduções dos textos de Deleuze e Spinoza para o entendimento do afeto.

## 2.1 Sobre os afe(c)tos e a afetividade

Costumamos entender por afeto os sentimentos bons que nos causam, e esse pensamento não está errado, mas o afeto não se resume a isso. Gleizer (2005) nos traduz a definição de Spinoza para o afeto, onde ele diz que:

Por afeto (affectum) entendo as afecções (affectiones) do corpo, pelas quais a potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou entravada, assim como as idéias dessas afecções. Quando, por conseguinte, podemos ser a causa adequada de uma dessas afecções, por afeto entendo uma ação; nos outros casos, uma paixão.(Gleizer, 2005, p. 33)

Nem tudo nos toca ou nos acontece de forma positiva. Cada experiência nos causa sentimentos e afecções diferentes. “Processos afetivos são todos os estados que fazem apelo a sensações de prazer/desprazer ou ligados a tonalidades agradáveis/desagradáveis” (Mahoney; Almeida, 2005, p. 19). Velórios, por exemplo, costumam nos afetar, mas os sentimentos que um velório traz não costumam ser felizes e agradáveis. As coisas nos impactam em diversas dimensões e reagimos de formas distintas aos diferentes tipos de afecções. Quando dizemos que temos afecções por alguém presumimos que temos sentimentos positivos sobre aquela pessoa. O afeto no sentido alegre, positivo, carinhoso é extremamente comum, mas não é o único tipo de afeto presente nas nossas colagens, por exemplo.

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” (Bondía, 2001, p. 21). Spinoza defende que o afecto altera a potência do agir não somente no corpo, mas também na alma (Gleizer 2005), portanto uma experiência só é afetiva se nos toca, se nos passa, se nos acontece de corpo e/ou alma.

Bondía (2001) deixa claro que a nossa apatia em relação a certos assuntos se dá pela falta de experiência, por não nos permitirmos viver as experiências de forma genuína. Nos conformamos com as diversas experiências voláteis, supérfluas que não nos causam impacto nenhum. Afetos impactam. Se algo não nos toca, não nos atravessa, se algo se torna indiferente dentro de certo contexto, então esse algo não é afetivo, afinal não nos causou nenhuma experiência. “Um afeto é uma afecção que faz variar positiva ou negativamente a potência de agir. Desta forma, uma afecção neutra, isto é, que deixa invariável a potência de agir, não tem dimensão afetiva. Assim, se todo afeto é uma afecção, nem toda afecção é um afeto” (Gleizer, 2005, p. 35).



O trabalho artístico é sensível, traduz emoções, sentimentos e paixões, que de acordo com Mahoney e Almeida (2005) são considerados pela teoria de Henri Wallon, as três etapas da evolução da afetividade. “A ação de afetar contém o significado de emoção, ou seja, um fenômeno afetivo, que não sendo tendência para um objetivo, nem uma ação de dentro pra fora (a sensação, vale lembrar, é de fora para dentro) define-se por um estado de choque ou de perturbação na consciência.” (Sodré, 2006, p. 29). Portanto, quando falamos que algo nos afeta, falamos de algo que nos causa alguma inquietação positiva ou negativa.

“Pode-se considerar que a sensibilização, a afetividade e a humanização são elementos primordiais ao desenvolvimento de diálogo no ensino-aprendizagem” (Freitas; Miguel, 2019, p. 944). Sobral (2019) faz uma importante análise sobre a afetividade no ambiente escolar. Ela relata que as escolas têm sufocado os afetos. Em uma turma de futuros professores como a nossa, que em sua maioria tiveram seus afetos sufocados quando estudantes, foi extremamente relevante valorizar as questões afetivas.

Encontram-se diversas singularidades dentro de um cotidiano escolar que são surpreendidas e sufocadas pela manutenção da disciplina e arbitrariedade do não singular, ou os chamados maus encontros na filosofia de Spinoza, isto é, a tristeza [...] A súbita necessidade de tática de resistir a esse efeito encontra-se na necessidade de afetar e ser afetado (Sobral, 2019, p.222-223).

Por muito tempo, as escolas reprimiram os afetos pela necessidade de transparecer uma relação hierárquica entre professor e o estudante, um distanciamento com a desculpa de manter a ética e o profissionalismo. O afeto é silenciado nas escolas quando não se permite que os alunos expressem suas emoções, sentimentos e paixões, suas inquietações e indignações. Muitos de nós tivemos nossos afetos engessados, impedidos de serem externalizados. A arte nesse sentido vem como uma forma de externalizar esses afetos, afinal “Todos nós precisamos de afeto, de amor, de aceitação e de compreensão para desenvolver um caráter que nos torne dignos de exercer a inteligência e o livre-arbítrio concedidos quando nascemos” (Chalita, 2003, p. 175).

Existem ainda muitas crenças equivocadas em torno do afeto e das afecções. Essa negligência no âmbito educativo a respeito do entendimento e externalização da afetividade se dá também pela ideia ultrapassada de que os afetos não são pontos relevantes a serem trabalhados na escola, ou que a afetividade acontece apenas no feminino, por exemplo. Você já deve ter ouvido alguém falar que meninas são mais afetuosas, “melosas” ou emotivas.

A colagem digital parte do decupar elementos digitais para a construção de um outro elemento digital, mas também parte do decupar elementos afetivos para compor outros afetos em forma de arte, onde os sentimentos, emoções e paixões são pixelizadas, ou seja: são colocadas em pixels, portanto levadas ao digital. Nessa perspectiva, transmidar colagens inevitavelmente é transmidar afetos. A arte tem o poder de potencializar esses afetos. “Nesse prisma, a arte como experiência estética constitui uma forma de ampliar a potência afetiva, possibilitando que os afetos se mobilizem para um olhar diferenciado na forma de perceber e viver a vida.” (Barreiro; Carvalho; Furlan, 2018, p. 519).

Nas entrevistas<sup>10</sup> feitas questionei os meus colegas sobre a escolha dos elementos das colagens e muitos argumentaram que buscavam trazer aquilo que lhes afetam. Pedi que dissessem o que entendiam por afeto.

*“Afeto? Afeto eu acho que é algo que nos move, né? que transforma a gente, o nosso eu individual, faz parte das relações que a gente constrói com as pessoas, né? E com outras coisas também, porque a gente não tem afeto apenas por pessoas, mas a obra da Mona Lisa por exemplo, em si já é uma obra afetuosa, né? Que de uma forma nos comove, então acho que é aquilo que nos comove, que mexe com a gente internamente.” (Bromélia)*

Para outros, afeto é ainda aquilo que lhes provoca algo. Uma das estudantes que trouxe a Faculdade de Educação em suas colagens justificou a sua escolha dizendo *“Eu trouxe a FE tanto como um lugar que tenho carinho, como um lugar que me provoca, que estoura minha bolha. Eu sempre fui muito afetada e muito provocada na FE. Busquei trazer elementos que também me afetam.” (Dália)*

Outra colega justifica a sua escolha com as seguintes palavras:

*“Pensar nas dificuldades que as pessoas que construíram Brasília passaram foi algo que me afetou muito [...] O nome Brasília e Afetos faz sentido, porque às vezes a gente pensa que o afeto é só aquilo que é bom, belo e bonito. Mas acho que a maior parte é aquilo que é doloroso. Às vezes a dor nos afeta muito mais do que aquilo que é belo, né?” (Margarida)*

O fato é que mesmo sem ser uma demanda obrigatória trazer os afetos nas colagens, ele foi o princípio de tudo nos processos criativos dos entrevistados. *“Uma coisa que me lembrei muito na produção da colagem é que o afetar não tem a ver só com coisas boas, é o afetar de*

---

<sup>10</sup> Para garantir o anonimato dos entrevistados serão utilizados nomes de flores.

*qualquer forma, então foi bom ter a oportunidade de trazer uma colagem sobre o que me afeta”* (Hortência). Todas as colagens partiram de um afeto. Muitos trouxeram pontos turísticos como catedral, congresso nacional, dois candangos. Mesmo sendo os mesmos lugares, os sentimentos e afecções trazidos nas colagens eram únicos. “Os afetos mudam a cada situação, sendo que é possível ser afetado de maneiras diferentes pelo mesmo objeto, pois o afeto não depende do objeto, mas sim dos encontros nos quais sempre novas relações se produzem.” (Azevedo, 2011, p. 7).

## **2.2 Colagens como expressão de afe(c)to**

As colagens são expressivas, elas pensam (Samain 2012), elas dialogam, elas nos transformam. Muita gente pode enxergar a colagem como um caos de informações, como bagunças e coisas sem sentido. A verdade é que ela caminha no sentido oposto, visto que “A colagem permite transformar o caos em cosmo e experimentar temporalidades em suas diferentes potências e forças.” (Fernandes, 2023, p. 56). É uma forma de organizar pensamentos e afetos.

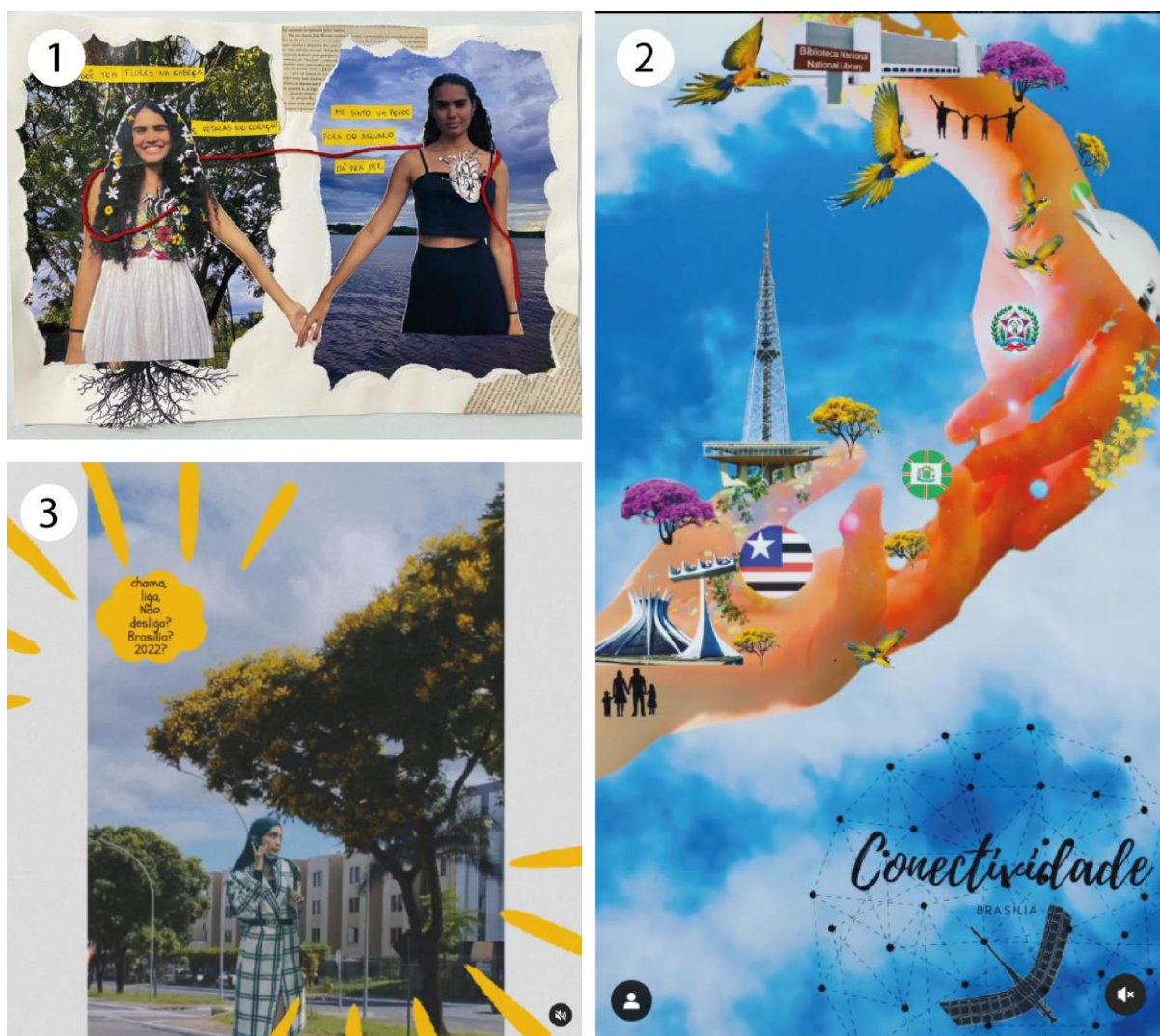
Somos impactados de forma individual. O artista idealiza de uma maneira, mas a leitura de imagem é particular. Existe uma intencionalidade por trás da montagem, existe uma relação entre os elementos da colagem, mas o entendimento da colagem não deve depender das justificativas do artista a respeito da sua organização e intencionalidade na escolha dos elementos. As imagens falam por si só. As colagens não são um quebra-cabeça que tentamos montar. Ela é dessa forma e pronto. É claro que ela carrega signos e afetos e somos impactados das mais variadas formas, mas externalizar os motivos para a composição de cada elemento é algo que depende da vontade do artista. Nosso papel enquanto espectadores é ler, apreciar e interpretar as imagens conforme as nossas experiências, nossas bagagens estéticas, afetivas e emocionais.

Se a imagem é um lugar de articulações, ela é também um lugar de conflitos: nela se cruzam autores, uma sociedade, um momento histórico, uma técnica, o objeto da representação e tantos outros olhares dedicados a ela ao longo do tempo e, assim, outras sociedades etc., coisas que não são necessariamente solidárias entre si na produção de um sentido comum. (Entler, 2012, p. 133).

Nossa turma pôde expressar seus afetos em cada elemento colocado nas produções. Trago aqui neste tópico pranchas temáticas com as nossas colagens, que além de expressar nossos afetos, cruzam gerações, sentimentos, lugares e tudo o aquilo que nos afeta. Coloco aqui a minha leitura sobre as colagens, mas me apoio também nas contribuições das entrevistas a

respeito do processo criativo, e das apresentações feitas em sala de aula. Podemos ver já na primeira prancha que as colagens não se limitaram a Brasília - Plano Piloto, o que foi inclusive umas das críticas que pude trazer na minha colagem, assim como muitos outros estudantes da turma que quiseram trazer seus afetos de lugares não óbvios ou turísticos de Brasília.

**Figura 15** - Prancha de conexões (2022).



Fonte: @brasiliaefetos.

A primeira prancha diz respeito às conexões. Na primeira colagem a autora utiliza-se de referências como Frida Kahlo para externalizar essas conexões consigo mesma em diferentes versões de si. Brasília entra como plano de fundo para essas conexões afetivas. De um lado uma árvore de uma região pela qual a autora tem afeto e de outro lado o Lago Paranoá que também carrega signos afetivos. A personagem da colagem - que é a própria autora, assim como Frida na obra referenciada - se coloca em momentos distintos da vida, traz afetos felizes e tristes que

se complementam. Enquanto isso, a colagem 2 traz vários símbolos de Brasília que são conectados pelo mar azul da capital: o céu. Esse céu conecta pessoas, momentos, e sem dúvida é uma das características mais marcantes da cidade.

Na terceira colagem encontramos ainda um outro tipo de conexão. A conexão nesta última colagem é ocorre por meio de ligações telefônicas. Durante a entrevista, a autora explica que a escolha da imagem se dá pela árvore que está localizada próxima a sua residência, que não se localiza no centro de Brasília, saindo mais uma vez do eixo do Plano Piloto, e que traz consigo um formato de orelhão. É comum encontrarmos o orelhão nas nossas memórias afetivas, principalmente porque aquilo que nos causa nostalgia tende a nos conectar com os sentimentos que tivemos com esse objeto de afeto. Muita gente gosta de voltar no passado para reviver momentos como se estivesse entrando numa máquina do tempo. A autora diz que a colagem *“trouxe coisas que me afetaram emotivamente. [...] Tem mais a ver com a minha vida, minha história, lugar que cresci, músicas que fizeram parte da minha vida.”* (Amarilis)

**Figura 16** - Prancha de histórias (2022).



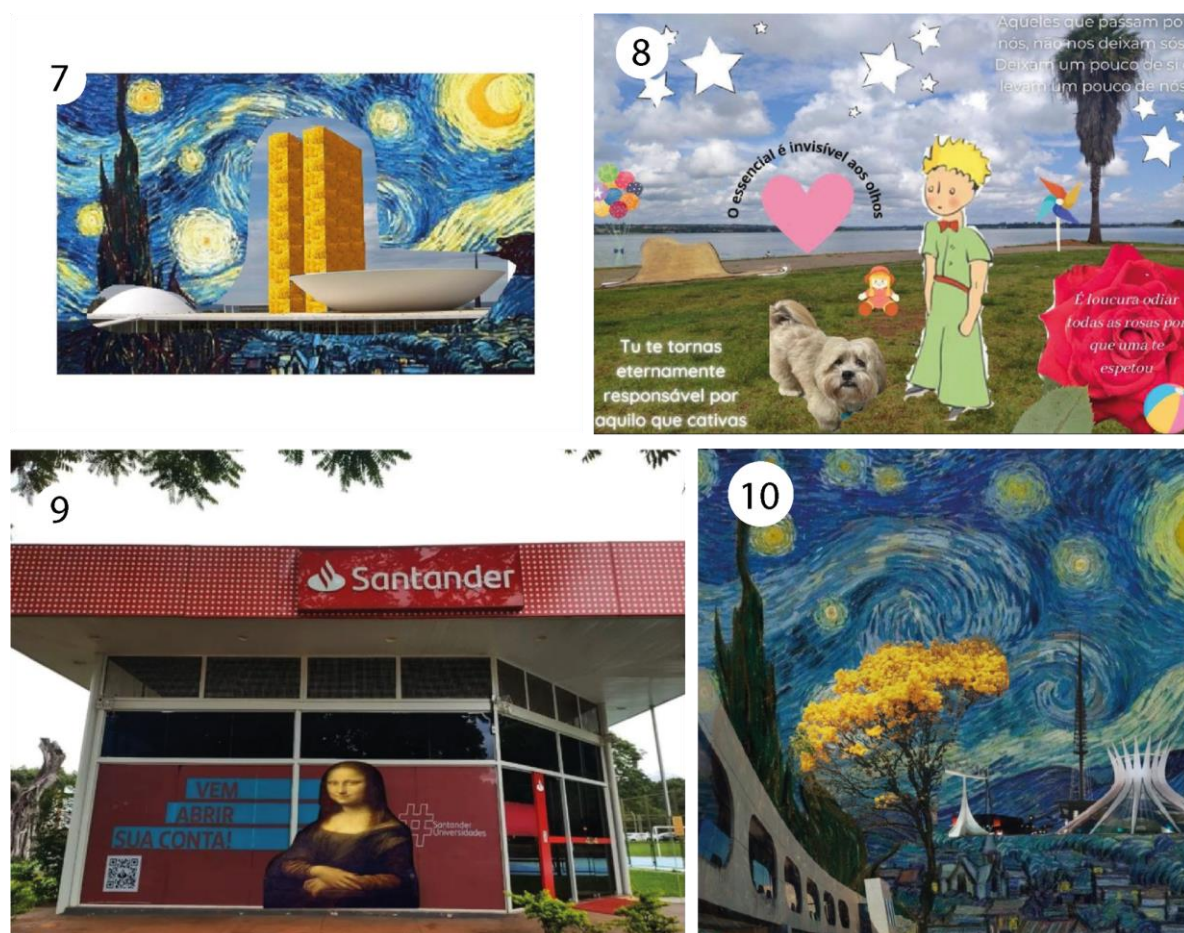
Fonte: @brasiliaefetos.

Na prancha de histórias, as autoras trazem Brasília como palco de suas vidas e contam suas histórias através de imagens e elementos. As colagens 4 e 5 são da mesma pessoa e elas se complementam. A autora faz uma linha do tempo com seus pedaços de memórias e traz elementos de Brasília como parte dessa história que está sendo construída. As suas colagens trazem a ancestralidade, as suas raízes nordestinas e momentos da vida que marcaram o seu percurso de vida, suas verdadeiras experiências.

A colagem 6 foi publicada por uma das estudantes da turma como forma de homenagear o marido pelo aniversário de casamento e traz a seguinte legenda: *“Feliz 2 anos! Brasília foi e*

*continua sendo o plano de fundo da nossa história*”. Brasília fez parte da história do casal, e mesmo que não exista uma linha do tempo explícita como na colagem 4, aqui podemos ver momentos importantes vividos na cidade, como um pedido de noivado, o casamento e outros momentos que carregam significados afetivos para os dois.

**Figura 17 - Prancha dos clássicos (2022).**



Fonte: @brasiliaefetos.

Na prancha de clássicos, eu reuni as colagens que trazem obras clássicas em sua composição, tais como; Van Gogh, Leonardo da Vinci e o Pequeno Príncipe de Antoine de Saint-Exupéry. Esses exemplos são potentes para pensar a transmídiação. A Mona Lisa sai do Louvre, por exemplo, e vira modelo de propaganda na praça Santander, próximo à Faculdade de Educação na colagem 9. Ainda é a Mona Lisa, não perdeu o seu signo original, mas acrescentam-se novas camadas interpretativas. A autora conta que a escolha da obra de Da Vinci se deu por estar trabalhando em um projeto no estágio com as crianças sobre a Mona Lisa, e que essa construção parte de um afeto, já que quando ela vê o quadro da Mona Lisa, automaticamente lembra das crianças com carinho.

O Pequeno Príncipe é colocado na colagem 8 junto a alguns elementos do livro no Lago Paranoá e nos resgata memórias da infância. Mais um elemento nostálgico que nos afeta pelas memórias que temos de quando criança. Enquanto a colagem de O Pequeno Príncipe traz o Lago como plano de fundo, uma característica comum nas colagens 7 e 10 que trazem Van Gogh é que eles adicionam elementos do cerrado para A Noite Estrelada, como os ipês. A estudante que fez a colagem 7, do Congresso Nacional - símbolo fortíssimo de Brasília - em “A Noite Estrelada” conta que os blocos amarelos que compõem o prédio são ipês amarelos. Já na segunda colagem (número 10) que utiliza Van Gogh, um ipê amarelo é adicionado à paisagem como se fizesse parte da composição original, trazendo de forma orgânica, mais naturalidade para a montagem.

**Figura 18 - Prancha dos candangos (2022).**



Fonte: @brasiliaefetos.

Na história de Brasília muitos foram os convidados a participar da construção da nova capital. Fazer parte desse projeto era motivo de orgulho para quem vinha. Brasília é construída a sangue e suor de trabalhadores de diversos lugares do Brasil que deixaram suas casas e vieram a Brasília em condições precárias na esperança de quando tudo acabar, poder viver na belíssima cidade planejada. Acontece que como muitos já sabem, os candangos que sobreviveram a construção e que dedicaram suas vidas para a nova capital idealizada por Juscelino são expulsos de Brasília, junto com suas mulheres e filhos.

Essas colagens carregam fortes críticas nesse sentido. A primeira colagem, número 11, foi inspirada por um sentimento de indignação e inconformismo com toda essa situação. A autora se inspirou na música de Gabriel Pensador para levar Os Candangos<sup>11</sup> para um outro planeta, já que a falta de empatia e sensibilização com os candangos era enorme. Pouco importava quantos teriam de morrer no processo, desde que a capital fosse inaugurada no prazo estipulado. Esse é mais um exemplo de como nem tudo aquilo que nos afeta nos traz sentimentos felizes e alegres.

Após a construção, Brasília sofre um movimento de higienização, onde os candangos são enviados para as Cidades Satélites, que hoje chamamos de RA 's (Regiões Administrativas). A pobreza não enche os olhos, não é bela, então não combina com a estética moderna escolhida para esta cidade planejada. A colagem de número 12 faz uma crítica a esse movimento. O autor coloca os candangos no lugar onde eles deveriam estar, que é usufruindo daquilo que construíram e que hoje é ocupado apenas pela elite de Brasília, ou nem sequer é ocupado, já que temos inúmeros apartamentos vazios na cidade enquanto tantas famílias vivem em vulnerabilidade social.

Figura 19 - Prancha de UnBzices (2022).



Fonte: @brasiliaeafetos.

Muitos estudantes quiseram trazer a UnB e as UnBzices como afetos de quem vive e experimenta Brasília todos os dias. Chamo de UnBzices as coisas que fazem parte do nosso cotidiano como estudantes da Universidade de Brasília, é um termo que marca a especificidade deste cotidiano singular. A colagem 13 coloca duas personagens da série estadunidense *Grey's*

<sup>11</sup> Escultura de Bruno Giorgi que fica localizada na Praça dos Três Poderes e que de certa forma homenageia os operários mortos na construção de Brasília.



*Anatomy* sentadas na Faculdade de Educação. Esse tipo de colagem é muito comum no perfil @colagensunb que citei no capítulo anterior como uma referência para a turma.

Quando questionada sobre a colagem, a autora deixou claro que as escolhas desses elementos têm a ver com sentimentos que esses elementos lhe causam. Ela diz que a Faculdade de Educação é seu lugar de afeto em Brasília, é lugar que provoca, que estoura sua bolha. A série referenciada é colocada por ela por ser utilizada para trazer boas sensações em momentos em que a própria não se sente bem. Ainda existem outros elementos como o Hospital colocado ao fundo, a placa dizendo que “Título de herói não paga boleto” e as borboletas que tem um signo afetivo pessoal para a autora.

A colagem 14 traz a autora para a UnB, mas não é a UnB de qualquer jeito: a universidade aqui é como seu conto de fadas, seu castelo, seu conto de princesa. Essa colagem também caberia na prancha de histórias, visto que conta a história de uma estudante que sonhou com a UnB e que está vivendo esse conto de fadas agora. Parece um sonho muito pessoal da autora, mas tocou muito a turma, já que a maioria de nós um dia teve esse mesmo sonho de viver um conto de fadas com a UnB. Ela coloca aqui elementos cotidianos de um universitário, como sua “carruagem” da Piracicabana - linha de ônibus para a UnB, o famoso 0.110 - o passe estudantil e até mesmo a pintura no corpo que é vista como um rito de passagem de quem entra na universidade.

Como última UnBzice, temos uma colagem 15, que traz Darcy Ribeiro, um dos idealizadores da Universidade de Brasília e que dá nome ao campus da Asa Norte. A colagem faz questão de trazer Darcy Ribeiro com uma foto diferente das que costumamos ver e com uma frase famosa de Darcy que diz que “A crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto”. Rompe com a imagem engessada que às vezes temos do Darcy, trazendo-o para uma realidade mais comum aos estudantes da universidade, uma versão “gente como a gente”. Traz também as cores verde e amarelo nos elementos como forma de fazer uma crítica ao desgoverno em exercício no ano de 2022, e suas ações que preconizavam o desmonte da educação pública. Uma das maiores UnBzices que nós estudantes fazemos, é defender e lutar pela educação e pela nossa Universidade. Temos muito zelo e carinho pelo nosso lugar de afeto, lugar que nos move, que nos impulsiona a lugares inimagináveis.

**Figura 20** - Prancha de resistências (2022).



Fonte: @brasiliaefetos.

Essas duas colagens exalam a essência de resistência. A colagem 16 foi feita por uma colega que se sente extremamente afetada pela Faculdade de Educação. A personagem de costas também é um recorte da série *Grey's Anatomy* em um momento em que a personagem imita uma pose de super-herói. A autora explica que dentro da série a personagem diz que existem estudos que comprovam que essa pose nos dá mais segurança para enfrentar os nossos problemas, e é nesse sentido que ela entra na colagem.

Ela traz um corredor, pois busca enfatizar a estrada, os caminhos. A obra de Van Gogh ao fundo remete a solidão que vivemos na universidade devido aos desencontros de grades curriculares, mudanças e outras questões. É um processo extremamente solitário e ela se mostra resistente, pronta para enfrentar como heroína essas situações que são passageiras, afinal estamos numa estrada sem fim e a graduação é apenas um pedacinho dela. Ela traz também mais borboletas, que segundo ela:

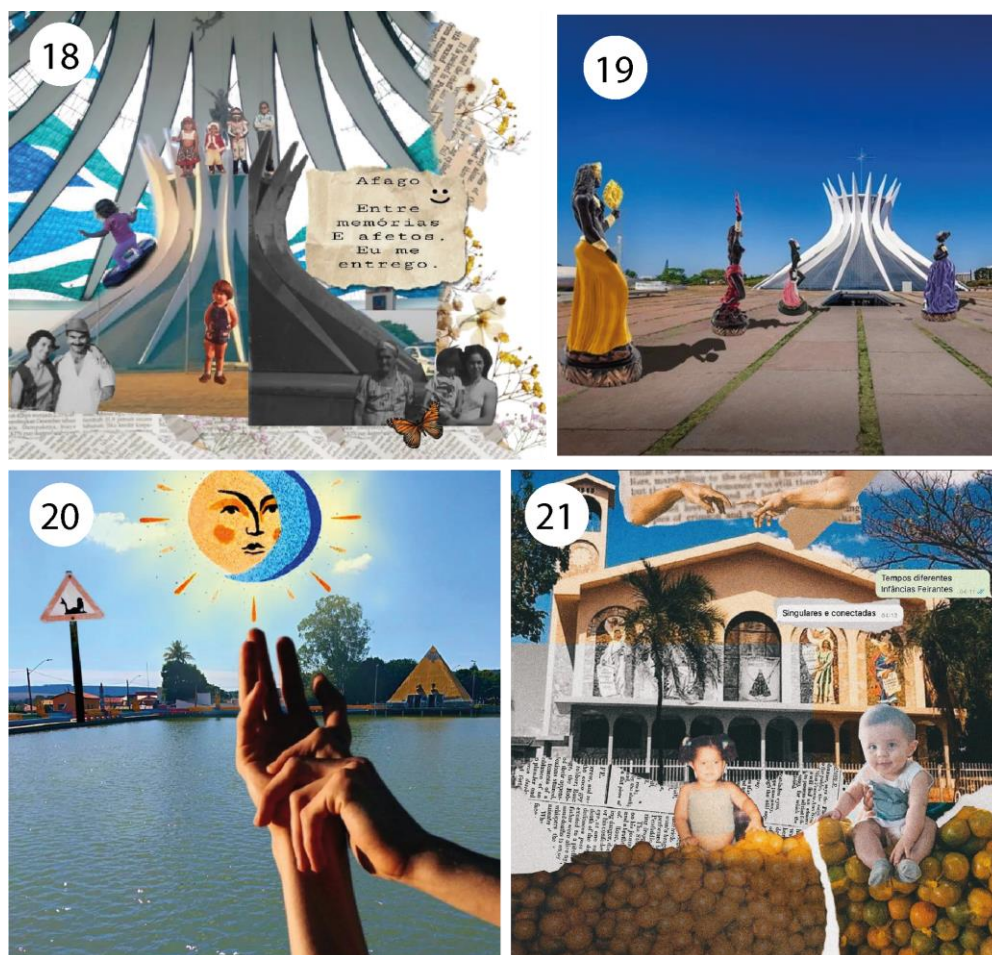
*"É no sentido de transformação mesmo, de metamorfose [...] Trago ali a obra do Salvador Dali que é o relógio mais pra mostrar que às vezes a gente tá nesse movimento louco de liquidez, dos processos serem extremamente rápidos e às vezes não dá tempo viver o processo, que é o que eu mais senti falta na FE" (Dália)*

A colagem 17 é feita em um momento em que o Brasil se recuperava de um período eleitoral bastante conturbado, e segundo a autora, a escolha dos elementos remeteram à visão, como a luneta, os olhos, as pessoas observando, tudo isso pretendia dizer que o povo estava vigilante com o que acontecia no governo. A falta de gestão, principalmente na pandemia, foi uma das coisas que mais afetou a autora nesse período, e ela usou da colagem para comunicar isso, como uma forma de resistência também. Nas palavras dela "*O resultado das eleições era*

*uma vitória nossa, e as pessoas olhando também remetem a isso [... Estávamos olhando o que estava acontecendo, empolgados com a saída mas ao mesmo tempo vigilantes com o que iria acontecer dali em diante.]” (Amarílis)*

Ainda foram adicionados elementos de Brasília que é uma cidade naturalmente rodeada de eventos políticos, mas o que mais me chama a atenção é a colher. Para a autora a colher vem no sentido de que muitas vezes nos dizem para “não meter a colher”, não se envolver nas questões políticas, que “política é igual time de futebol: não se discute”, sendo que, na verdade devemos meter a colher sim. Se envolver nas questões políticas do nosso país, dialogar sobre esses assuntos, trazer essas pautas para os ambientes que frequentamos, encarar e lutar contra os silenciamentos e sufocamos da nossa expressividade, dos nossos afetos. São atos de resistência.

**Figura 21** - Prancha de espiritualidades (2022).



Fonte: @brasiliaefetos.

Um dos elementos que mais apareceu nas colagens da turma foi a catedral. Em algumas colagens ela aparece como mais um elemento que caracteriza Brasília, mas nessas duas colagens acima onde a catedral aparece ela está ligada à espiritualidade. A colagem 18 traz elementos pessoais e memórias afetivas que a estudante tem com a catedral, com a sua família e com a espiritualidade, já que é uma família cristã. A colagem ao lado (número 19) trabalha o espiritual de uma forma extremamente sensível e afetiva, colocando as Orixás (Yabás) no lugar das estátuas dos evangelistas, trazendo nas palavras da autora “O poder feminino ancestral” para um ambiente estritamente católico de Brasília.

A colagem 20 é nomeada justamente de *Espiritualidade*, já que se trata de lugares e momentos que conectam a autora a sua espiritualidade, as suas raízes. A música de Emicida teve um papel fundamental na escolha do título e dos elementos que compõem a obra por ser uma música que acompanhou a autora em um momento muito sensível da sua vida. O Sol e a Lua assim como outros elementos trazidos na colagem são característicos do espiritismo, e carregam um sentimento de pertencimento entre a autora e a sua religiosidade, que por muito tempo foi escondida por medo de julgamentos.

A última colagem, número 21, foi produzida por mim. Nela procurei trazer a minha espiritualidade e os meus afetos de infância em um só lugar. A criança que aparece ao lado esquerdo sou eu com três anos, na feira de Hortifrúti de Planaltina. A segunda criança é o meu primo, que está sentado exatamente no mesmo local 18 anos depois. É uma espécie de conexão entre as infâncias feirantes, que apesar de serem em décadas diferentes ainda se assemelham. Existe ainda uma conexão com meu espiritual, representada pela igreja Matriz de Planaltina, a Paróquia São Sebastião como um dos elementos que me define, que é o catolicismo. Não trouxe a Catedral porque não é o meu lugar de afeto em Brasília. Cresci em Planaltina, minhas ligações espirituais e afetivas não são com o centro de Brasília. Trago também Michelangelo como símbolo da minha conexão com o meu espiritual.

É legítimo pensar o quanto essa prancha de colagens, com elementos de espiritualidades, pode nos tocar afetivamente. A espiritualidade em si é extremamente afetiva porque se trata daquilo que sentimos no nosso íntimo, são emoções e paixões ligadas principalmente a nossa alma. A espiritualidade de forma indiscutível mexe com a nossa potência do agir, portanto, é afetiva.

**Figura 22 - Prancha da corporeidade (2022).**



Fonte: @brasiliaefetos.

Assim como as colagens da prancha de espiritualidades trouxeram potências do agir na alma, essa prancha nos traz potências do agir no corpo, trazendo uma sensação de movimento para as colagens: uma afetividade influenciada pela corporeidade. A primeira colagem (número 22) traz elementos divertidos, memórias afetivas da autora com o filme do Tarzan, e coloca os personagens em um lugar descontraído, em que geralmente temos a oportunidade de explorar as dimensões do corpo de forma mais livre.

A segunda colagem (número 23) é baseada segundo a autora na frase que está destacada no canto: *Em caso de dor, dance*. Essa colagem caberia facilmente na prancha de resistências, afinal dançar também é um ato de resistência. A expressividade do corpo em momentos dolorosos é resistência. A autora diz que as bailarinas foram colocadas justamente por isso. Segundo ela:

*“Em caso de dor, dance” pode ser uma coisa boa, mas o meu namorado que me ajudou nesse processo me lembrou também das bailarinas. Elas dançam mas se machucam muito, o trabalho é precarizado, e em caso de dor elas continuam dançando. Então essa frase tem duas vertentes que podem ser puxadas. (Caliandra)*

**Figura 23** - Prancha das cotidianidades (2022).



Fonte: @brasiliaeafetos.

Falando ainda sobre aquilo que nos acontece no dia a dia, as colagens desta prancha trazem os encontros diários de um brasileiro, suas cotidianidades. A característica comum a todas essas colagens é que os elementos colocados nos atravessam todos os dias. Os monumentos que veem todos os dias através da janela do ônibus, as tesourinhas alagadas, manifestações e a própria rodoviária em si. A colagem 24 traz os monumentos dialogando com os elementos do cerrado e o tempo seco de Brasília. A colagem 25 traz elementos parecidos, mas aqui é adicionado um outro elemento característico da cidade que é a mudança repentina de clima. Cada elemento que foi colocado na colagem atravessa o cotidiano desses estudantes, inclusive o ônibus que os leva para a UnB.

Na última colagem desta fileira (número 26) vemos uma crítica à liquidez do nosso tempo. A artista traz a rodoviária como um ponto que é sempre de passagem, nunca de encontro. Um lugar onde pouca coisa nos afeta já que estamos sempre com pressa saindo de um ônibus para entrar em outro. Enquanto isso, a colagem do Titanic traz uma imagem comum aos brasileiros de uma tesourinha alagada, onde ele afunda na cidade que ironicamente foi milimetricamente planejada para ser uma metrópole.

Brasília, por ser um ambiente estritamente político, é palco de muitas manifestações. Acontece que no final do ano de 2022 - ano de eleição - o que se via era um cenário de guerra nas manifestações, com atos que beiravam o terrorismo. Muitos ônibus pararam de rodar para não serem queimados, deixando a cidade em um completo caos. O autor da última colagem trouxe essa cotidianidade dos brasilienses trazendo uma referência da série *Game of Thrones* com tudo sendo incendiado por um dragão. É interessante observar também o rapaz ao lado que apenas fotografa o momento de forma tranquila, provando que por mais que pareça um cenário fictício de *Game of Thrones*, era só mais um dia “comum” na vida do brasiliense.

### **2.3 Os sons e a escrita no processo de criação das colagens afetivas**

Quem nunca ouviu uma música e lembrou de alguém ou de algum momento? Quem nunca leu um poema que descrevesse exatamente aquilo que sentia? A sensibilidade e a criatividade andam lado a lado. A música nos afeta, a escrita nos afeta. Somos extremamente atingidos e devorados pelos nossos afetos.

Durante o processo de criação das colagens, os sons e a escrita estiveram presentes de forma significativa. Esses elementos entraram como uma camada adicional nas nossas produções. A proposta da professora de publicar as colagens com uma música que pudesse dialogar com a imagem fez com que esta fosse uma peça chave no processo criativo. Podemos ver isso em uma das colagens da prancha de conexões, onde a autora coloca trechos da música “Sem Nome, Mas Com Endereço” da Liniker em suas colagens e a partir da letra, inclui elementos na colagem, como as flores na cabeça e pétalas no coração, por exemplo.

Numa de suas concepções mais comuns, o afeto é tido como a reação emotiva que acontece num corpo em decorrência de um encontro. Em música, seria como os sentimentos despertados pela escuta de uma peça, de uma passagem ou de um material musical. Um acorde, uma orquestração, um trecho, uma textura, um motivo, provocam alegria, euforia, bravura, melancolia, saudade. São afetos sentimentos, que em música parecem produzir algo como uma atmosfera, um clima, em que o ouvinte imerge e é mais ou menos induzido a tal ou qual afecção. (Penha, 2019, p. 3)

A música nos envolve, marca momentos, épocas, gerações, nos causa sensações, tristezas, alegrias, arrepios. As composições muitas vezes descrevem aquilo que sentimos, descrevem momentos que vivemos ou apenas nos lembram certos momentos vividos. Posso trazer como exemplo a minha colagem, onde pude colocar elementos da minha infância e por isso trouxe a música “Velha Infância” para dialogar com ela, já que me lembrava momentos onde eu cantava essa música enquanto brincava de casinha.

Assim como as imagens, as músicas também podem enfatizar afetos. No cinema, por exemplo, a música é utilizada para potencializar nossos sentimentos nas cenas. O cinema nos educa para entender, por exemplo, que quando sobe o volume de uma música de suspense em uma cena significa que algo ruim irá acontecer em seguida. Esse som vai nos deixando tensos, aflitos e angustiados. Outro exemplo são músicas românticas que são tocadas em certos momentos nos filmes para nos causar um maior envolvimento com a cena, como em cenas de beijo, por exemplo, quando o volume da música vai nas alturas.

A colagem do telefone, que também está na prancha de conexões, trouxe uma colagem sonora no lugar da música, com vários sons e músicas antigas que nos remetem ao telefone, onde a autora pôde trazer momentos e memórias afetivas individuais, já que as músicas e sons colocados na colagem sonora também carregavam memórias afetivas. Algumas colagens partiram de afetos com a música, como foi o exemplo da colagem dos candangos em que a autora pensava em levá-los para outro planeta baseando-se numa música de Gabriel Pensador que vinha ouvindo dentro do carro numa viagem. Outro exemplo é a primeira colagem da prancha de UnBzices onde a música é o toque da abertura da série referenciada na colagem. Quem conhece e tem afeto pela série automaticamente se lembra da abertura.

Pensamos também sobre o poetrrix, que de certa forma não foi utilizado por todos nós. Alguns publicaram as colagens apenas com a música, outros criaram poemas maiores, enquanto outros fizeram poemas menores, mas que não necessariamente eram poetrrix, por sentirem dificuldade com a questão da numeração das sílabas, já que um poetrrix é composto por 3 versos com no máximo 30 sílabas métricas. O poetrrix foi um desafio trazido pela docente, mas não era um fator de peso na avaliação que fosse rigorosamente como um poetrrix de fato. Mesmo com essa dificuldade nós trouxemos versos marcantes para compor os trabalhos.

Escrever não é um dom, mas trata-se de uma competência que deve ser desenvolvida, de forma sistemática e constante, na escola, ao longo de toda a Educação Básica. Sendo uma atividade complexa, devemos considerar que a produção escrita é uma atividade vinculada, por um lado, a um contexto social, e, por outro, a processos linguísticos, cognitivos e afetivos, sumamente importantes no desenvolvimento dessa competência. (Oliveira, 2020, p. 165)

Durante nossa trajetória escolar somos extremamente incentivados a escrever, porém, o que mais nos ensinam são modelos de redações para vestibular, artigos e outras escritas mais formais. Pensando na proposta que a docente desenvolveu conosco de forma geral, ao levá-la para o chão da escola introduzindo o poetrrix podemos ampliar o repertório de gêneros textuais que as crianças têm acesso. Sabemos que as escolas proporcionam interações e estudos de



poemas, mas muitas vezes não somos incentivados a escrevê-los nesse ambiente e a prova disso está no fato de que os estudantes de graduação no final do curso de pedagogia sentiram dificuldades em escrever um poe-trix.

Pensando no processo criativo das colagens, a escrita também foi fundamental. Pudemos colocar em palavras aquilo que sentíamos, trouxemos versos para as imagens em alguns momentos, as palavras também dialogam com as colagens, se tornaram uma extensão daquilo que era visual. Mesmo que alguns não tenham trazido poemas, quando faltaram palavras, sobraram afetos e isso fez total diferença.

Seguem algumas das composições da nossa turma:

**Figura 24** - Colagens de Íris.



Fonte: @brasiliaefetos

**Brasília, você foi e é o palco da minha história!**

Vivi coisas incríveis,  
Sobrevivi momentos terríveis,  
Mas você continua sendo o meu lar  
(Íris)

**Figura 25 - Colagem de Margarida.**

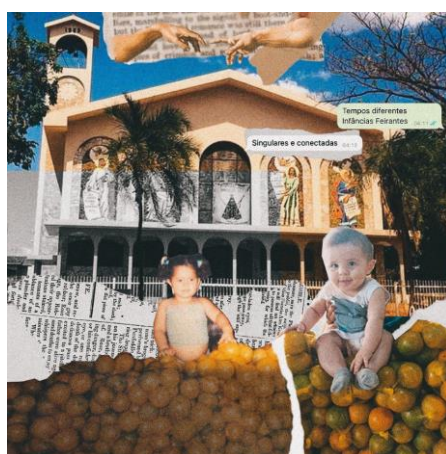


Fonte: @brasiliaefetos

***BRASÍLIA INGRATA***

*Brasília sua ingrata  
com o f4c1sm0 enamoraste  
por isso preferimos ir para Marte.  
(Margarida)*

**Figura 26 - Minha colagem.**



Fonte: @brasiliaefetos

***INFÂNCIAS***

*Tempos diferentes  
Infâncias feirantes  
Singulares e conectadas  
(Lívia Simara)*

**Figura 27** - Colagem de Girassol.



Fonte: @brasiliaefetos

***As duas Malu***

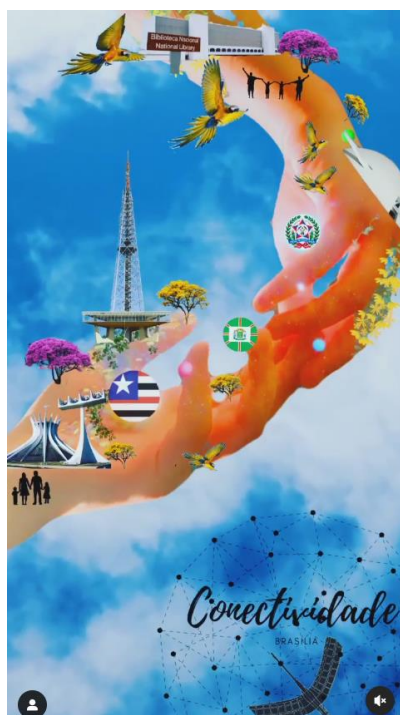
*No coração há pétalas*

*Na cabeça flores*

*Porque de alguma forma você usará a sua resistência para seguir em frente.*

*(Girassol)*

**Figura 28** - Colagem de Lírio.



Fonte: @brasiliaefetos

### ***Conectividade In Brasília***

*Entre cores, sabores, quadras e formas*

*Brasília reúne diversas histórias*

*Conecta amigos, famílias e sonhos*

*Tudo sob o céu azul da cidade*

*Ah Brasília amada...*

*Você reúne magia, alegria e beleza*

*Reúne o que faz a nossa alma transbordar: Amor*

*(Lírio)*

**Figura 29** - Colagem de Dália.



Fonte: @brasiliaefetos

### ***Realização ou solidão?***

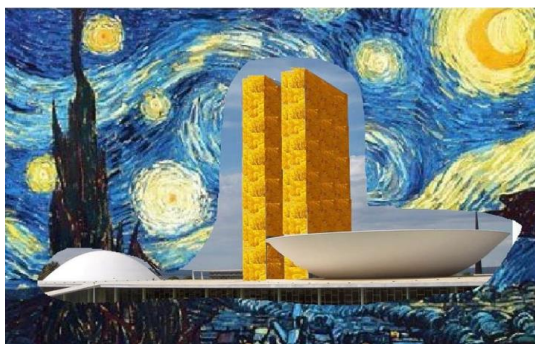
*Quantos caminhos Brasília nos leva?*

*Que tristes ou que doce sina levaria a todos os lugares sem nunca neles estar.*

*Tenho aprendido com ela que é preciso coragem, coragem para viver, falar e se afetar.*

*(Dália)*

**Figura 30** - Colagem de Magnólia



Fonte: @brasiliaefetos

*Brasília é linda e formosa  
Suas cores são charmosas  
E em uma noite estrelada  
Se torna amada  
(Magnólia)*

**Figura 31** - Colagem de Violeta.



Fonte: @brasiliaeafetos

### **A F A G O**

*Entre memórias  
E afetos,  
Eu me entrego.  
(Violeta)*

**Figura 32** - Colagem de Tulipa.



Fonte: @brasiliaeafetos

### **As rainhas Yabás**

*Brasília das Yabás  
Do poder feminino ancestral  
Que brilha nas insurgências  
E perdura ao tempo  
Salve as Yabás!*

*Brasília de Oxum  
A rainha das águas Doce e das cachoeiras  
Que acalma as tempestades e acolhe as emoções  
Orixá que brilha no sol do cerrado  
Salve as Yabás!*

*Brasília de Iansã  
A rainha do tempo,  
Que controla os ventos, as chuvas e os trovões  
Orixá que aponta dos caminhos  
Salve as Yabás!*

*Brasília de Obá  
A rainha guerreira  
Que representa força, ousadia e sabedoria  
Orixá que briga pelos direitos das mulheres  
Salve as Yabás!*

*Brasília de Nanã  
A rainha da sabedoria ancestral  
Que guarda o segredo da vida e da morte  
Orixá que valoriza família, amizade, respeito e fidelidade  
Salve as Yabás!  
(Tulipa)*

**Figura 33** - Colagem de Lótus.



Fonte: @brasiliaeafetos

*Quem e o que você está perdendo na pressa do seu dia a dia?*

*Na corrida de chegar ao nosso destino, perdemos a oportunidade de vivermos pessoas, paisagens e músicas especiais.*

*Ao mesmo tempo que vivemos tudo, vivemos o nada.*  
(Lótus)

**Figura 34 - Colagem de Tulipa.**



*Camadas*

*Viver de indignar!  
Viver de esperar!  
Viver de renovar!*  
(Tulipa)

## **2.4 A curadoria no trabalho com colagens digitais**

No processo de criação de uma colagem digital a curadoria é sem dúvida um fator determinante para ter uma colagem bem feita. É claro que não existe um modelo certo ou errado de fazer colagem, mas buscando bons materiais, certamente terá bons resultados. “Conteúdo curado é significativo quando filtrado e direcionado para um tópico específico.” (Correia, 2019, p. 16).

Os entrevistados disseram em alguns momentos que encarar o trabalho de criar uma colagem digital foi desafiador para eles, já que tinham receio por não conhecerem os dispositivos, técnicas e afins. A oficina nesse sentido ajudou bastante já que pude trazer uma curadoria de softwares, vídeos, sites, banco de imagem que auxiliaram no processo criativo. Foi uma etapa fundamental, pois muitos se sentiam inseguros por não conhecerem técnicas e por não saberem onde procurar os materiais.

Nós, enquanto autores das colagens do perfil, também exercitamos a nossa capacidade de selecionar elementos para as colagens. Sobre esse processo, destaco aqui algumas falas significativas dos entrevistados da turma:

**Dália:** *Essa parte de curadoria de pesquisar, buscar, mas surgiram muitas ideias, ampliou bastante o meu entendimento.*

**Bromélia:** *A curadoria docente é importante principalmente pela excelência do trabalho que a gente faz [...] ainda mais se tratando desse século que a gente está vivendo, o momento que a gente está vivendo, em que as mídias são, assim, uma porta fundamental em tudo que a gente faz [...]. As crianças vivem hoje a tecnologia, então acho que é muito importante a gente estar sempre muito atualizado com relação a isso. Para estar fazendo um trabalho de excelência, né? Como as linguagens estão o tempo todo conversando é muito importante esse cuidado.*

**Amarílis:** *No analógico você está vendo o que você tem e você consegue pensar no que fazer com aquilo que você tem. No digital apesar de você ter muitas coisas, às vezes você fica meio perdido. [...] A internet te oferece muita coisa, quando você está numa mesa com várias coisas disponíveis talvez fique mais fácil pensar no que eu quero utilizar.*

**Orquídea:** *A curadoria talvez seja a parte mais difícil. A gente vai procurando coisas e não vai fazendo sentido, ou fica poluído visualmente. Eu acho que depende muito do que a gente quer passar pro outro, do que a gente quer que quem lê sua colagem vai ver. Na minha eu percebi que fui colocando muitas coisas mas não ia fazendo sentido pra mim então fui retirando o que não fazia sentido.*

Existe uma confiança dos estudantes em relação ao professor, já que se entende que o professor é conhecedor daquilo que é relevante ou não para a turma. Como bem traz Bromélia no trecho citado acima, a excelência do nosso trabalho passa por uma boa curadoria. Amarílis sentiu menos dificuldade na colagem feita de forma analógica que foi digitalizada depois porque houve uma curadoria por parte dos organizadores da oficina de colagem que ela fez, que já disponibilizou os materiais bons para aquele tipo de trabalho. O processo no digital foi mais complexo porque havia uma infinidade maior de elementos disponíveis que poderiam ser utilizados, então ela precisou filtrar melhor aquilo que seria interessante.

É possível pensar que os estudantes consideram o professor-curador como alguém apto a compreender os diferentes contextos sociais que interferem diretamente no aprendizado dos sujeitos, assim, esse profissional surge como alguém que consegue estruturar e organizar os conteúdos de modo que os estudantes tenham o mínimo de dificuldades para aprender. (Sousa, 2021, p. 115).



*“Fazer as colagens nos fez pensar que somos capazes de fazer, então o que nos falta é a oportunidade de fazer o diferente.” (Dália).* Trazendo para a realidade da escola, muitas vezes sufocamos os afetos artísticos na escola por não oportunizar que esse tipo de atividade seja feita. Quantas coisas podemos aprender com essa atividade? Desde a construção de um poe-trix, passando pela sensibilidade e experiências musicais como seres musicais que somos, até a produção de novas imagens a partir de pedaços de outras.

A curadoria foi fundamental na construção do perfil, mas também foi um exercício para nós enquanto futuros docentes. Pudemos experimentar a pesquisa, seleção e filtro dos bons materiais que pudessem dialogar nas colagens afetivas, exercitando nossas práticas docentes.

Levar essa proposta para o contexto de sala de aula não é uma tarefa impossível, muito pelo contrário, mas é preciso se atentar ao papel do professor nesse trabalho com colagens digitais, visto que a internet possui uma infinidade de elementos, informações, aplicativos, sites, softwares, bancos de imagem e afins. Quando falamos de sala de aula, entendemos que é necessário pesquisa e atualização constante por parte dos docentes para realizar um bom trabalho, porém somente a pesquisa não é suficiente. O professor também tem a função de selecionar, filtrar aquilo que faz mais sentido para o contexto da atividade.

Na escola o professor pode assumir este papel, o de curador educativo e diante dessa ideia fazer seleções e criar ações mediadoras. Para esta tarefa o educador deve pesquisar, organizar e criar curadorias educativas com a preocupação em ativar culturalmente acervos artísticos. Deleuze (1992) diz que uma obra de arte deve conter tantos vazios que permita que o espectador a preencha com suas próprias interpretações e diálogos, nas relações entre percepção e memória. (Utuari, 2012, p. 55).

Com as novas tecnologias que atravessam as cotidianidades dos estudantes surge a necessidade do professor de se tornar um curador não apenas de livros didáticos e materiais pedagógicos, mas de conteúdos digitais no geral, afinal para decupar elementos digitais é preciso selecionar bons materiais no universo de possibilidades e informações que povoam o ciberespaço.

Sendo assim, fica evidente a importância da curadoria nas produções de colagens afetivas. Mesmo que cada um de nós já tivesse uma ideia do que gostaria de trazer nas colagens através de nossos afetos, até os afetos precisaram ser selecionados para fazer sentido com todos os elementos visuais, textuais e sonoros colocados na colagem, afinal se trata também de uma construção estética e que carrega suas intencionalidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática abordada neste trabalho buscou contribuir para os estudos a respeito dos usos das tecnologias educacionais, na área de educação e imagens a respeito, e sobre a transmídiação e a afetividade na educação, mostrando que a transmídiação pode acontecer de forma afetiva nas colagens digitais partindo do decupar afetos para compor outros afetos no digital.

Ao trazer no primeiro capítulo os conceitos de colagem digital e transmídia, foi possível entender como as colagens digitais têm ganhado espaço na sociedade, partindo de uma retrospectiva histórica que mostrou como o processo de fazer colagem foi se modificando ao longo do tempo conforme os recursos disponíveis a cada época. Além disso, também pudemos entender como a transmídiação acontece nessas colagens. O ato de fazer colagem, seja ela analógica ou digital, já é em si uma transmídiação.

A colagem, mesmo sendo uma técnica antiga utilizada ainda antes de Picasso em algumas civilizações, não perde o seu prestígio no século da visualidade (Trevisan, 2002). É certo que ela por muitas vezes não está presente no ambiente educativo, mas neste trabalho pudemos ver que trazer a colagem para este ambiente é viável e pode possibilitar que os estudantes não sejam meros receptores e sim, produtores de cultura digital.

A transmídiação aconteceu desde o primeiro momento, pois, a partir de uma produção cinematográfica, escolhemos trazer Brasília para o contexto das nossas colagens no perfil. Todo o processo de construção do perfil na rede social *Instagram* foi feito de forma colaborativa: da escolha do nome até as produções publicadas. Cada um de nós teve espaço para expressar nossos afetos através das colagens, poemas, poeiras e músicas. O perfil @brasiliaeafetos trouxe diversas transmídiações a partir das colagens digitais, mostrando que o trabalho artístico também é sensível.

O segundo capítulo deste trabalho ateu-se ao processo criativo partindo dos afec(c)tos e afecções da nossa turma. Nele foram feitas análises das colagens, de forma articulada às entrevistas e anotações do meu diário de bordo. Com estes instrumentos, eu pude perceber que todas as colagens partiram de afetos. Percebi também que existe uma dificuldade em externalizar os afetos, e que as imagens possibilitam esta expressividade.

Entender como ocorreu o processo criativo nas colagens foi fundamental. Pude mapear os processos criativos a partir do meu diário de bordo e das contribuições dos meus colegas de

turma com as entrevistas. Esses processos passam principalmente pela dimensão do afeto, que neste trabalho é entendido como tudo aquilo que nos afeta a partir das experiências pontuadas por Bondía (2001).

Partindo ainda das contribuições de Deleuze e Spinoza, entendo os afectos como experiências que nos marcam, que nos acontecem de fato. É possível compreender que os afectos de forma geral potencializam a forma como lidamos com as coisas. Afectos podem nos causar prazeres e desprazeres, sentimentos de felicidade ou tristeza, assim como podem ser aumentados ou diminuídos conforme os acontecimentos e experiências reais.

Com a possibilidade do digital fica ainda mais dinâmico e intuitivo criar colagens. O digital já transpassa os cotidianos e tem muito a contribuir, portanto não pode ser ignorado no ambiente educativo. A colagem digital é expressiva. Possibilitar que os estudantes exercitem a transmidiação através das colagens digitais é uma forma de garantir que os sentimentos e afectos não sejam silenciados no ambiente educativo, e sim incentivados e valorizados. Entendemos a partir dos estudos sobre Deleuze e Spinoza que os afectos e as afecções modificam a nossa potência do agir no corpo e na alma. A escola, portanto deve ser nesse sentido incentivadora de expressividade dessas potências.

A oficina que preparei também teve o seu papel na construção do perfil. Foi uma troca entre mim e meus colegas e permitiu explorar os dispositivos disponíveis e as técnicas de fazer colagem. Sem a oficina provavelmente o processo teria sido muito mais trabalhoso e difícil. A experiência da oficina também pode ser levada para a sala de aula por parte dos professores. O contato com os perfis indicados pela docente e hashtag *#digitalcollage* também teve a sua contribuição nos processos criativos da turma.

Cada colagem feita trouxe Brasília de um ângulo único, trouxe afectos distintos, afectos felizes e tristes, potencializou nossa paixão por Brasília em alguns momentos ou a nossa indignação em outros. Brasília foi feita para nos afetar. Elementos do cerrado foram misturados com Van Gogh, descobrimos UnBzices e muitos outros afectos foram expressos nas produções.

Outra camada dessa imensa colagem de conceitos, afectos e experiências foi os sons e o poetriz que vieram para contribuir com as composições dos autores da turma. Acredito que muitos de nós possuímos dificuldade com a escrita de poemas ou poetriz por não termos sido incentivados no nosso percurso escolar a produzir esse tipo de escrita. De toda forma, foi emocionante ver a perspectiva de cada estudante sobre Brasília em cada pedacinho das

colagens. A música entrou como um elemento também que nos trouxe memórias afetivas, sentimento de nostalgia, consolo, tristeza e carinho. Algumas colagens inclusive partiram de afetos musicais e foram para o perfil.

Fica evidente o papel do digital na escola, tendo em vista que todo o nosso cotidiano é atravessado por ele. Não é mais uma questão de inovação, trazer as novas tecnologias para sala de aula é uma necessidade. O digital pode democratizar não apenas o acesso à arte e outros tipos de cultura, mas também a possibilidade de expor as produções artísticas, como é o caso das colagens que foram produzidas e expostas no *Instagram*, desde que o processo de curadoria se efetive. Para isso, é fundamental investir em políticas públicas que valorizem a profissão docente, garantindo que em sua formação inicial e continuada estes temas e o uso das tecnologias pelos sujeitos culturais sejam discutidos de forma crítica.

Trazer a proposta desta atividade para uma turma de futuros professores teve sua relevância, pois possibilitou reflexões sobre o trabalho com transmediações afetivas na prática docente. Ampliou também repertórios educativos e mostrou a necessidade da curadoria, tanto para os processos criativos nas construções de colagens digitais quanto na perspectiva da curadoria docente no cotidiano da escola. A turma pode exercitar a sua capacidade de selecionar, filtrar e sintetizar.

Esse trabalho de conclusão de curso uniu duas coisas que amo muito: educação e expressões de arte através do design. Cada linha escrita neste trabalho me transformou, me marcou de alguma forma. Eu sentia que não poderia encerrar minha graduação de qualquer jeito. Foram 5 anos em que pude me apaixonar por cada detalhe da Universidade de Brasília, foram 5 anos de muita dedicação, estudos, pesquisa, projetos de extensão, ProIC, e tantas outras coisas. Com este trabalho encerro com muita satisfação a minha graduação, pois tenho certeza que de alguma forma pude contribuir para os estudos de tecnologias educacionais.

Pensando nos meus próximos passos, espero ser aprovada no concurso da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Hoje trabalho com o design, mas a sala de aula é o lugar onde eu quero estar. É onde me sinto bem. Durante toda a graduação as pessoas nos perguntam se queremos atuar no ambiente escolar, e eu sempre disse que esse era um dos meus maiores desejos. É claro que não pretendo parar de pesquisar sobre tecnologias educacionais. Estar em sala de aula não é um fator impeditivo para a pesquisa. Acredito inclusive que para se tornar um bom pesquisador da área da educação, a experiência docente é indispensável. Gosto muito

desse processo e me encontro muito na escrita. Tenho sonhos de um mestrado futuro e quem sabe um doutorado também.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O amigo & o que é um dispositivo**. Chapecó: Argos, 2015.

AZEVEDO, A. B. A arte dos afetos em Deleuze e Espinosa. 2011.

BARREIRO, M. F.; CARVALHO, A. B.; FURLAN, M. R. A arte e o afeto na inclusão escolar: potência e o pensamento não representativo. **child.philo [online]**, v. 14, n. 30, p. 517–534, 2018.

BERNARDO, J. F. **Colagem nos meios imagéticos contemporâneos**. São Paulo : UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, 2012.

BONDÍA, J. L. Nota sobre a experiência e o saber da experiência. **Leituras SME, Rede Municipal de Educação de Campinas/Fumec**, 2001.

CAMPOS, D. Q. Um saber montado: Georges Didi-Huberman a montar imagem e tempo. **Aniki**, v. 4, n. 2, p. 269–288, 2017.

CHALITA, G. A pedagogia do amor: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações. **Editora Gente**, 2003.

CORREIA, A.-P. AS MÚLTIPLAS FACETAS DA CURADORIA DE CONTEÚDOS DIGITAIS. **Revista Docência e Cibercultura** , p. 14–32, 2019.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. [s.l: s.n.].

DILÁSCIO, J. S. R.; TESSAROLO, F. M. A arte em outra tela: os artistas conquistam seu espaço por meio das redes sociais. **Revista Temática**, p. 152–168, 2019.

ENTLER, R. Um pensamento de lacunas, sobreposições e silêncios. Em: SAMAIN, E. (Ed.). **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Unicamp, 2012. p. 133–150.

FERNANDES, R. S. COLAGEM PANDÊMICA E PESQUISA DE SI: TEMPOS E FORMAÇÕES. **SCIAS.Arte/Educação**, v. 13, n. 1, p. 56–76, 2023.

FONTENELE, T. **Poeira e Batom no Planalto Central - 50 mulheres na construção de Brasília**. , 2011. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=9rxJUc8kbSk>>

FREITAS, J. B. D. E.; BORGES, F. T. A construção da afetividade nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem. Em: **Formação de Professores: Transmidia, conhecimento e criatividade**. Recife: Editora UFPE, 2013.

FREITAS, R. E. R. C.; MIGUEL, J. R. Afetividade: Uma discussão histórica e epistemológica. **on Line Rev.Mult. Psic.**, v. 13, n. 45, p. 936–950, 2019.

GLEIZER, M. A. **Espinosa e a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

HAN, B.-C. **No exame - Perspectivas do digital**. Petrópolis : Editora Vozes, 2020.

IWASSO, V. R. Algumas considerações sobre a colagem na produção artística contemporânea. **ARS (São Paulo)**, p. 36–53, 2010.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KENSKI, V. M. O que são tecnologias e por que elas são essenciais. Em: PAPIRUS (Ed.). **Educação e Tecnologias: O novo ritmo da Informação**. [s.l.] Papyrus, 2008. p. 15–26.

KRAEMER, K. **A prática da colagem: conheça esta arte por quem faz. mescla**, 2021. Disponível em: <<https://mescla.cc/2021/11/23/a-pratica-da-colagem-conheca-esta-arte-por-quem-faz/#:~:text=Colagem%3A%20arte%20feita%20a%20partir,cria%C3%A7%C3%A3o%20de%20uma%20nova%20imagem.>>. Acesso em: 1 dez. 2023

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo : Editora 34, 1999.

LIMA, D. J.; MERCADO, L. P. L.; VERSUTI, A. C. A TRANSMÍDIA E SUA POTÊNCIA NA PRÁTICA DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 1313–1330, 2017.

LIMA, D. J.; VERSUTI, A. C. TRANSMIDIAR CONTEÚDOS NO CENÁRIO DA CULTURA DIGITAL: POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO. **meistudies**, p. 1–11, 2019.

MAHONEY, A. A.; DE ALMEIDA, L. R. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da educação [online]**, p. 11–30, 2005.

MOREIRA, S. P. et al. **FE | 30/09 - Oficina de Colagens digitais.** , 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3XiaN3KW1iY>>

MOREIRA, S. P. **MEMES E EDUCAÇÃO MIDIÁTICA: “É verdade esse bilette”**. Brasília: Universidade de Brasília, 2022.

OLIVEIRA, R. S. AFETIVIDADE E PRODUÇÃO ESCRITA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NO PROFLETRAS. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 6, p. 164–176, 2020.

OLIVEIRA, S. A. Sobre vivências poéticas no campo da mídia digital. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 47, p. 49–70, 2016.



PENHA, G. R. Música e a produção de afetos. **Revista Vórtex**, v. 7, n. 1, p. 1–29, 2019b.

PORLÁN, R.; MARTÍN, J. **El diário del professor**. Sevilla: Díada Editora, 1997.

RANCIÈRE, J. **A partilha do Sensível: estética e política**. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.

RODRIGUES, V. S.; VERSUTI, A. C. Transmídiação: uma tática enquanto formação de professores. **Revista Concilium**, p. 16–35, 2022.

SAMAIN, E. **Como pensam as imagens**. [s.l.] Unicamp, 2012.

SOBRAL, M. A. F. RESISTÊNCIAS COTIDIANAS NA EDUCAÇÃO: O AFECTO NAS ATUAIS ESCOLAS PAULISTAS. **Revista de História Bilros: História(s), Sociedade(s) e Cultura(s)**, v. 7, n. 15, 2019.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. [s.l.] Mauad Editora Ltda, 2006.

SOUSA, L. G. V. **A curadoria na formação inicial do professor de língua portuguesa: uma análise dialógica**. Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2021.

TREVISAN, A. L. **Pedagogia das Imagens Culturais**. [s.l.] UNIJUI, 2002.

UTUARI, S. O professor propositositor. **28º Seminário Nacional De Arte E Educação E 9º Encontro De Pesquisa Em Arte - ISSN 2359-6120(online)**, p. 53–59, 2012.

VARGAS, H.; DE SOUZA, L. A colagem como processo criativo: da arte moderna ao motion graphics nos produtos midiáticos audiovisuais. **Revista Comunicação Midiática**, v. 6, n. 3, p. 51–70, 2011.

VERSUTI, A. C.; MOREIRA, S. P.; SOARES, L. S. V. USOS DAS HASTAGS #CORONAVIRUS E #COVID19 NAS POSTAGENS DE PERFIS BRASILEIROS NO INSTAGRAM. Em: **e-health na prática**. [s.l.] RiA Editorial, 2022. p. 186–216.

VERSUTI, A. C.; SILVA, D. D. A transmídiação como uma escrita de resistência. **Linha Mestra**, v. 11, n. 33, p. 92–101, 2017.

XAVIER, I. A decupagem clássica. Em: **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

## APÊNDICE

### Roteiro das Entrevistas

1. O tema proposto foi Brasília como plano de fundo, baseado no filme Poeira e Batom. Que relação a sua colagem tem com o tema?
2. Poderia descrever o processo criativo envolvido na produção da sua colagem?
3. Você buscou referências em outros lugares? Onde?
4. Usou softwares de edição ou fez analogicamente e digitalizou?
5. Porque escolheu esses elementos (incluindo a música)?
6. O que você entende por afeto?
7. Como você explorou diferentes linguagens e mídias para criar as transmídiações presentes nas colagens?
8. Como a afetividade e as emoções influenciaram as escolhas criativas durante a produção das colagens digitais?
9. O que você acha do processo de curadoria na produção das colagens?
10. Qual o papel da pesquisa no processo de produção das colagens e transmídiação?
11. Qual o papel da docente e da turma no processo de mediação das colagens?
12. Como foi para você a experiência de participar dessa atividade?
13. Quais foram os desafios enfrentados durante o processo?
14. O que você acha que foi mais significativo em toda essa experiência? O que te marcou?